



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

RELAÇÕES DE PODER E MECANISMOS INFORMAIS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL
NO SURF E SUA EXPRESSÃO EM FORMAS DE VIOLÊNCIA. UM ESTUDO DE CASO
NAS PRAIAS DE PENICHE

Mónica Wiesbaum de Paiva Boléo

Mestrado em Sociologia

Orientador

Prof. Dr. Alexandre Calado

Professor Auxiliar Convidado

ESPP-Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

RELAÇÕES DE PODER E MECANISMOS INFORMAIS DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL
NO SURF E SUA EXPRESSÃO EM FORMAS DE VIOLÊNCIA. UM ESTUDO DE CASO
NAS PRAIAS DE PENICHE

Mónica Wiesbaum de Paiva Boléo

Mestrado em Sociologia

Orientador

Prof. Dr. Alexandre Calado

Professor Auxiliar Convidado

ESPP-Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família, especialmente aos meus pais, por me terem motivado a prosseguir os estudos e por me terem mostrado sempre o valor da educação e da aprendizagem sobre o mundo.

Aos meus amigos que me incentivaram nos momentos de dúvida e de mais dificuldade.

A um surfista em especial, o Federico, que durante todo o processo me introduziu a diversos conceitos sobre o universo do surf. Serviu quase como um informante privilegiado, tendo-me levado a sítios de surf que não conhecia, ensinado conhecimento técnico sobre o mar, e esclarecendo sempre as dúvidas que foram surgindo ao longo da investigação.

O maior obrigado ao meu orientador, o Professor Doutor Alexandre Calado, que desde o início do mestrado se demonstrou disponível para ajudar, e desde a escolha do tema até à fase final, esteve sempre presente com uma orientação consistente, cuidada, empática e enriquecedora.

RESUMO

Esta dissertação aborda a cultura do surf a partir da perspectiva das relações de poder e dominação, e da sua expressão em atos de violência e discriminação. Baseando-se numa investigação etnográfica desenvolvida nas praias de Peniche, tendo por base uma estratégia qualitativa que engloba observação, entrevistas, e conversas informais.

O surf é um desporto cada vez mais popular, maioritariamente associado a uma cultura descontraída, muito conectada com a natureza e a liberdade. No entanto, esta idealização convive com fortes dinâmicas de poder, incluindo uma hierarquia conhecida por todos, acompanhada por regras e códigos informais. A ocorrência de conflitos verbais e físicos é muito recorrente, criando muitas vezes um espaço de violência e discriminação. Entrelaçam-se diferentes processos de discriminação, sendo o mais mencionado, o localismo, no entanto, envolvendo também xenofobia e misoginia.

Esta investigação propõe um modelo teórico-analítico integrando as propostas de Foucault sobre o poder, o conceito de poder simbólico e os capitais de Bourdieu, e comunicando com o conceito *closure* pela perspectiva de Parkin. Permitindo um melhor entendimento dos processos informais de exclusão que os surfistas usam para manter a hierarquia, e o seu recurso limitado, as ondas.

Esta investigação pretende contribuir para a visibilidade e compreensão destes processos discriminatórios que são crescentes e naturalizados. Com o objetivo de desenvolver também uma reflexão sobre a cultura do surf, numa perspectiva mais inclusiva, num contexto de rápida e profunda transformação graças à comercialização do desporto e da própria cultura.

Palavras-chave: surf, relações de poder, violência, discriminação, localismo

ABSTRACT

This dissertation explores surf culture from the perspective of power relations and domination, and their expression in acts of violence and discrimination. It is based on an ethnographic research carried out on the beaches of Peniche, following a qualitative strategy that includes observation, interviews, and informal conversations.

Surf is an increasingly popular sport, mostly associated with a laid-back culture, deeply connected to nature and freedom. However, this idealization coexists with strong power dynamics, including a well-known hierarchy, accompanied by informal rules and codes. Verbal and physical conflicts frequently occur, creating a space of violence and discrimination. Different processes of discrimination intertwine, with the most commonly mentioned being localism, but also involving xenophobia and misogyny.

This research proposes a theoretical-analytical model that integrates Foucault's ideas on power, Bourdieu's concepts of symbolic power and capitals, engaging with Parkin's perspective on closure. This framework allows for a better understanding of the informal processes of exclusion that surfers employ to maintain hierarchy and their limited resource, the waves.

The aim of this research is to contribute to the visibility and understanding of these discriminatory processes, which are increasingly prevalent and naturalized. It also seeks to foster a reflection on surf culture from a more inclusive perspective, in a context of rapid and profound transformation, brought by the commercialization of the sport and the culture itself.

Keywords: surf, power relations, violence, discrimination, localism

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1. Mudanças no Universo Surf	4
1.2. Violência e Localismo	5
1.3. Modelo Teórico-Analítico	6
CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO	11
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA.....	16
CAPÍTULO 4 - DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	21
4.1. Regras Informais e Hierarquia.....	21
4.2. Tipos de Violência	24
4.3. Motivos que Contribuem para a Violência no Surf	31
4.4. Reações dos Surfistas mais Vulneráveis à Hierarquia e à Violência	38
4.5. Paradoxo entre Liberdade e Normas	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
BIBLIOGRAFIA	45
ANEXOS.....	49
Anexo A- Guião de Entrevistas Curtas.....	49
Anexo B- Guião de Entrevistas Longas	50
Anexo C- Conceitos Específicos	53
Anexo D- Diário de Campo	54

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma análise sociológica das relações de poder e dos mecanismos informais de estratificação social no surf e sua expressão em formas de violência, com base num estudo etnográfico realizado nas praias de Peniche, com especial foco no Balear.

O surf é um desporto mundialmente conhecido com uma forte cultura ligada à conexão com a natureza, à paz de espírito, ao sentido de comunidade (Lawler, 2011) e, inesperadamente, também à violência (Daskolos, 2007). Aproximando-se da cultura do surf é possível reconhecer rapidamente um conjunto de regras e códigos informais e uma forte hierarquia que todos os envolvidos conhecem, manifestada através de mecanismos de exclusão (Ford e Brown, 2006; Stranger, 2011; Wheaton, 2013).

Com a globalização, a comercialização do desporto e da cultura e o aumento do turismo de massas, o surf tem vindo a ganhar popularidade causando mudanças profundas nos destinos de surf (Uekusa, 2018), trazendo consequências às comunidades locais. Peniche não foi exceção, inclusivamente recebe todos os anos uma das fases da World Surf League (WSL), aumentando o reconhecimento do local (Rebelo e Carvalhinho, 2012). Graças ao aumento do número de praticantes do desporto, torna-se comum a sobrelotação do mar, e são cada vez mais recorrentes os episódios de violência e discriminação, trazendo desafios e mudanças à cultura do surf (Ford e Brown, 2006).

Os fenómenos de violência no surf têm vindo a ser explicados a partir das teorias do localismo (Ishiwata 2002), usadas para descrever o fenómeno social onde os surfistas locais incorporam comportamentos agressivos perante estrangeiros e turistas, na tentativa de manter dominância sobre o local e assim poderem continuar a surfar as “suas” ondas. Reconhecendo os méritos e avanços decorrentes da investigação a partir desta perspetiva, o termo parece-nos insuficiente ao não considerar a complexidade das relações de poder e a interseccionalidade dos sistemas de opressão. Por esse motivo é proposta uma abordagem mais abrangente, explorando não só a categoria de local, mas incluindo uma abordagem multidimensional, o que vai permitir um melhor entendimento dos processos simbólicos e informais de exclusão que os surfistas usam para manter a hierarquia, e o seu recurso limitado, as ondas.

Nesse sentido, é desenvolvido um modelo teórico-analítico assente nas teorias de classes e estratificação social e do poder, que integra as propostas de Foucault sobre as relações de poder, o conceito de poder simbólico, e de capitais de Bourdieu, e comunicando com o conceito de fechamento social pela perspectiva de Parkin.

O objetivo principal da pesquisa é de compreender como funcionam estas dinâmicas de dominação e os motivos que as sustentam, partindo das próprias experiências e percepções dos surfistas. Respondendo às seguintes questões operacionais: Porque é que existem atos de violência tão frequentes no surf? Quais são as causas? De que modo a violência exprime as dinâmicas relacionais no desporto?

A dissertação visa também contribuir para o conhecimento nos estudos do surf, permitindo uma maior visibilidade e compreensão destes processos discriminatórios que são crescentes e naturalizados. É apresentada uma reflexão sobre a cultura do surf, numa perspectiva inclusiva e compreensiva, num contexto de rápida e profunda transformação.

A investigação decorreu de abril de 2024 a setembro de 2025 e foi operacionalizada nas praias de Peniche seguindo uma estratégia etnográfica, usando um conjunto de métodos qualitativos que valorizam a abordagem direta, nomeadamente, a observação dentro e fora de água, as entrevistas semi-diretivas realizadas a surfistas com diferentes perfis e com o complemento das conversas informais em diversos contextos. As condições de residente, trabalhadora, surfista e investigadora permitiram um acesso privilegiado à realidade estudada.

O primeiro capítulo desta dissertação trata-se do enquadramento teórico, aborda os estudos feitos na área até agora, e apresenta a bibliografia utilizada e as teorias que suportam a tese. Seguidamente, o capítulo caracterização do campo de observação, fornece uma descrição detalhada do objeto de estudo, contextualizando o leitor no espaço. Este capítulo oferece informações sobre as características das praias, dos picos de surf, da composição social, e do estilo de vida associado. O terceiro capítulo, relativamente à metodologia, apresenta os métodos utilizados, demonstrando a pertinência dos mesmos. No quarto capítulo são discutidos os resultados da investigação. Por fim a dissertação encerra com um capítulo de considerações finais.

CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O surf tem-se tornado um desporto cada vez mais popular, sendo atualmente estudado por diversas áreas científicas em todo o mundo. Estudos de Sustentabilidade refletem sobre o impacto do surf no meio ambiente e a preservação dos ecossistemas costeiros (Borne, 2018). Na psicologia, o surf é frequentemente objeto de estudo como uma prática terapêutica, investigações demonstram os benefícios físicos e mentais da prática do desporto, incluindo programas para crianças com deficiência (Clapham et al., 2019), outros para inclusão social e para pessoas com problemas de saúde mental (Matos et al., 2017). Dentro da Economia e do Turismo diversos estudos avaliam o impacto do crescimento do turismo de surf na economia local, existindo até um estudo que avalia as potencialidades de Peniche como destino de surf (Rebelo e Carvalhinho, 2012). Estudos de Género e de Inclusão abordam as desigualdades sociais que fazem parte de um desporto tipicamente masculino e branco (Olive, 2019). O aumento de mulheres que praticam surf traz diversas reflexões sobre sexismo e interseccionalidade (Fendt e Wilson, 2012; Heywood, 2008; Olive, 2019).

A investigação científica em Portugal não tem trabalhado muito este tema, com exceção de trabalhos de investigação no contexto de dissertações de Mestrado ou Doutoramento, principalmente nas áreas de desporto ou turismo. Neste caso existem estudos sobre sustentabilidade, os efeitos na economia local, estudos de comportamento do consumidor e análises dos perfis dos surfistas. As abordagens sociais e culturais relativamente ao surf têm sido feitas principalmente nos média, existindo uma lacuna nas Ciências Sociais.

Diversos autores internacionais realizaram estudos etnográficos com características metodológicas e temáticas semelhantes às desta dissertação, demonstrando a universalidade da hierarquia e dos processos de discriminação, e simultaneamente revelando as particularidades de cada contexto, provando a pertinência deste tipo de investigação nos diferentes destinos de surf. Os principais pontos em comum destas investigações são as manifestações agressivas do localismo; os processos de criação de identidade dos surfistas; as mudanças na cultura do surf; e o tema das desigualdades relacionadas com diferenças étnicas, de classe, e de género (Bandeira, 2014; Stranger, 2011; Uekusa, 2018).

A prática do desporto constitui um campo social complexo, incluindo diversas reflexões sobre processos de identidade e relações de poder. Autores como Laderman (2014)

e Stranger (2011) fazem uma análise crítica da história do surf, considerando a influência do colonialismo e das práticas políticas e culturais, e como estas transformaram o desporto, interpretando o surf também como um sistema de poder onde em vez de um espaço de liberdade, existem lógicas de controlo e disciplina, onde estão definidos espaços exclusivos a certos surfistas e quem tem acesso a mais e melhores ondas, criando assim fronteiras e desigualdades.

1.1. Mudanças no Universo Surf

O surf surgiu como uma prática ancestral dos povos polinésios, principalmente no Havai. O ato de surfar era associado a rituais de ligação entre o ser humano e a natureza. Era uma prática cultural rica em significados, onde homens e mulheres surfavam juntos. Com o colonialismo, a prática do surf foi proibida aos indígenas, tendo sido mais tarde apropriada pelos americanos (Warshaw, 2010).

Nos anos 1960, o surf expandiu-se para o Ocidente, tornando-se popular nas praias da Califórnia graças aos média, com o surgimento de filmes que idealizaram o estilo de vida do surfista como livre e alternativo. O surf passou a ser associado a valores como a liberdade, a busca do prazer, e o contacto com a natureza. Foi também nessa época que surgiram as primeiras marcas de roupa e equipamento de surf, bem como os primeiros campeonatos organizados (Booth, 1995).

Nos anos 1990 observou-se uma profissionalização e globalização do desporto, com o aumento dos investimentos e patrocínios na indústria. As marcas ligadas ao surf cresceram exponencialmente, vendendo um estilo de vida que transcende a prática do desporto e se torna uma identidade coletiva ligada a uma estética e uma forma de vestir específicas. Simultaneamente a criação de escolas de surf e a facilitação e acesso aos materiais e equipamentos, levou o número de surfistas a disparar. O surf passou a ser um fenómeno mundial, impulsionando o turismo associado à modalidade, trazendo diversas consequências aos destinos. Neste período começa a emergir uma tensão entre a comercialização do desporto, por um lado, e a autenticidade da conexão com a natureza e as ideias antissistema e anti consumismo que eram uma grande parte da cultura do surf, por outro (Ford e Brown, 2006; Stranger, 2011).

Estas mudanças foram consolidadas e aprofundadas nos últimos 20 anos, sendo o seu entendimento necessário para a compreensão dos fenómenos que vemos hoje. O surf

passou de um desporto praticado apenas em alguns países para uma prática global. As mudanças na tecnologia e nos materiais utilizados facilitaram a prática do desporto. E o estilo de vida do surfista, que antigamente era visto como marginal, hoje é promovido pelos média como algo aspiracional e cada vez mais conectado com marcas e patrocínios (Daskolos, 2007). A crescente comercialização do desporto levou as marcas a tentar vender, para além de materiais, a própria experiência do “sublime”, ou seja, a sensação intensa e espiritual de praticar o desporto, algo que não pode ser vendido e é intrínseco à cultura do surf (Stranger, 2011).

O turismo de massas tem diversas consequências para os destinos de surf. Na cultura do surf está presente a ideia da fuga das estruturas sociais e do estilo de vida normativo, no entanto, ao inserir-se no turismo internacional acaba por reforçar desigualdades sociais, económicas e ambientais. Hoje, destinos como Indonésia, Havai e México, estão a sofrer consequências profundas da gentrificação causadas pelo turismo de massas. Fenómenos como a privatização dos espaços públicos como praias, a destruição da economia local e dos negócios locais, o deslocamento dos habitantes graças à subida de preços, a sobrecarga ambiental, e a descida da qualidade de vida de forma generalizada, são focos de tensão e trazem desafios sobre estas comunidades. Tudo isto são formas de neocolonialismo e exploração, retirando aos locais a sua autonomia e direito sobre o espaço onde nasceram e cresceram (Laderman, 2014).

O surf evoluiu de uma prática cultural indígena para um fenómeno global extremamente capitalizado, tendo como consequência a emergência de um conjunto de transformações e tensões externas e internas à cultura do surf. Paradoxalmente, o surf é descrito e vivido como livre e espontâneo, mas é simultaneamente um espaço estratificado, competitivo e por vezes violento (Walker, 2011).

1.2. Violência e Localismo

A violência no surf tem vindo a ser estudada através do conceito de “localismo”. O localismo é definido como uma prática agressiva, usada por surfistas locais para defender um pico, excluindo ou intimidando os restantes surfistas (Cook, 2024; Towner e Lemarié, 2020). O localismo surgiu no Havai como resistência dos havaianos ao colonialismo. Quando o Havai foi invadido e anexado aos EUA, os americanos começaram a apropriar-se do surf tentando até proibir os indígenas de praticarem o desporto. O localismo surge

então como uma reação destes povos, ao tentar preservar a sua identidade cultural e os seus direitos. Quando o desporto se foi expandindo para outros locais, como por exemplo a Califórnia e a Austrália, algumas ideias do localismo, tais como “defender o pico”, ficaram intrínsecas à cultura do surf, no entanto desta vez sem uma motivação histórica de resistência (Walker, 2011). O localismo volta a surgir nos Estados Unidos por volta dos anos 1960, como resposta ao aumento de praticantes, que causam sobrepopulação no mar.

O conceito de localismo, atualmente, descreve uma prática territorial, violenta, baseada numa hierarquia onde os locais são superiores e têm mais direitos sobre as ondas. É um fenómeno global que se encontra em quase todos os destinos de surf, tendo características diferentes em cada local. Hoje em dia podemos também ligar o fenómeno ao aumento do turismo em massa e da comercialização do desporto, que têm contribuído para o aumento do número de praticantes nos últimos anos, causando pressão nos destinos de surf. A sobrepopulação nos picos de surf causa muita frustração, tornando o localismo mais recorrente e mais violento (Beaumont e Brown, 2014).

O termo “localismo” passou a ser usado na linguagem corrente dos surfistas, para explicar diversos tipos de discriminação e violência, que por vezes vão para além da prática do desporto e para fora do mar. Este termo estabelece uma explicação simplista e restrita de fenómenos complexos. O localismo centra-se nas disputas territoriais, ignorando outras dimensões importantes destes conflitos, como por exemplo a raça, o género e a classe social. Já foram feitas críticas a estas abordagens, expandindo o conceito, de modo a analisar estas relações sociais complexas (Olive, 2019; Usher, 2015; Wheaton, 2013). Propõe-se então uma abordagem mais completa, considerando a interseccionalidade destes fenómenos.

1.3. Modelo Teórico-Analítico

Para análise destes processos e mudanças, foi desenvolvido um modelo teórico-analítico, baseado numa perspetiva multidimensional da violência e discriminação no surf, que articula três perspetivas enquadradas nas teorias de classe e estratificação social e do poder: a abordagem neo-weberiana de Frank Parkin (Murphy, 1986), a abordagem estrutural construtivista de Pierre Bourdieu (Vandenberghe, 2002) e a abordagem pós-estruturalista de Michel Foucault (Oksala, 2012). O conceito de “Fechamento Social” de Max Weber,

interpretado por Frank Parkin, permite compreender os processos de exclusão e os comportamentos dos surfistas dominantes, e simultaneamente a resistência dos surfistas que se encontram mais em baixo na hierarquia. Complementando com os conceitos de “capital” e “poder simbólico” de Bourdieu, que permitem analisar como os surfistas usam os diferentes capitais para se moverem dentro da hierarquia. Por fim, as ideias de Foucault sobre o “poder produtivo” podem elucidar muitas características da cultura do surf, demonstrando como é o próprio poder que molda a cultura, as relações e os comportamentos.

Para compreender melhor as dinâmicas de exclusão, recorreu-se ao conceito de fechamento social de Parkin, que oferece um enquadramento teórico para analisar de que forma grupos sociais mantêm e defendem o acesso privilegiado a recursos limitados. O autor distingue dois mecanismos principais nesse processo. O primeiro, o fechamento por exclusão, que se refere à ação de grupos dominantes, para impedir o acesso de outros a um recurso valioso e limitado, no caso do surf, as ondas. O segundo, o fechamento por usurpação, que corresponde às estratégias de resistência desenvolvidas pelos grupos excluídos para conquistarem ou ampliarem o acesso a esse mesmo recurso. Assim, a usurpação procura desafiar as fronteiras impostas pela exclusão.

Barbalet (1982) faz uma crítica teórica e metodológica à forma como Parkin aplica o conceito de *closure* à análise de classe, argumentando que o conceito é baseado numa simplificação que não abrange as estruturas mais profundas da dominação. O autor interpreta o fechamento não apenas como um comportamento consciente, mas também algo incorporado nas estruturas, podendo ser também inconsciente. Para além de uma ação estratégica consciente, estes modos de exclusão são internalizados, estruturados e reproduzidos automaticamente.

Murphy (1986), aprofunda o conceito e expande-o para além da análise das classes sociais em termos económicos. O autor trata a exclusão a partir de uma perspetiva simbólica, e não apenas material, dando atenção também às estruturas mais amplas. Enquanto Parkin definiu dois grupos opostos, Murphy demonstra uma maior complexidade das relações, sendo que existem várias camadas e zonas de negociação. Estas contribuições permitem uma melhor ligação do conceito de fechamento social com o surf.

As relações entre surfistas dominantes e dominados podem ser interpretadas, usando os conceitos de Parkin, como um processo dinâmico, resultante das estratégias e das lutas

dos vários autores no espaço social, onde aqueles que já têm acesso privilegiado criam barreiras para manter esse privilégio, enquanto os restantes, através de atos de resistência, tentam conquistar o seu espaço. Esta é uma perspetiva que incorpora a agência do sujeito e está diretamente conectada com o poder.

A agressividade e violência que se encontra no *line up* (linha formada por surfistas depois da rebentação, enquanto esperam pelas ondas) podem ser exemplos de formas de fechamento por exclusão, usadas pelo grupo dominante que procura proteger o seu capital simbólico, assim contribuindo para a manutenção da hierarquia existente. A demonstração da competência pela performance é um exemplo de fechamento por usurpação, usado pelos surfistas mais vulneráveis.

Os conceitos de “capitais” e de “poder simbólico”, de Pierre Bourdieu, são centrais na análise desta realidade social. Pensando no conceito de “campo”, podemos visualizar o surf como um espaço social relativamente autónomo, com as suas próprias regras e significados. Neste campo, os surfistas disputam legitimidade, reconhecimento e acesso ao recurso limitado, as ondas, mobilizando os seus capitais.

Bourdieu (1986) elabora os quatro tipos de capitais, todos aplicáveis ao universo do surf. O capital social é o conjunto de recursos que o indivíduo possui, ao pertencer a uma rede de relações sociais duradouras, baseadas em reconhecimento mútuo. No surf está associado às redes de relações dos surfistas, as relações que se estabelecem e as amizades que se formam são determinantes na forma como se é tratado dentro e fora do mar. O capital cultural refere-se ao conhecimento técnico do surf, se um surfista sabe ou não “ler o mar”, se conhece a linguagem usada, se conhece e compreende as regras. O capital económico reflete-se nos materiais usados, o fato, a prancha e na possibilidade de viajar para destinos de surf. O capital simbólico pode ser associado ao reconhecimento e à legitimidade. Existem surfistas com uma autoridade simbólica, talvez não precisem de se impor verbalmente ou fisicamente, porque os outros reconhecem a sua posição, dando-lhes legitimidade. Este capital assume particular relevância nas estratégias de poder dos atores para se movimentarem dentro da hierarquia.

A dominação no surf não se exerce apenas pela força física, mas também através da imposição de classificações legítimas: quem tem direito à onda, quem é reconhecido como “local”, quem pode ensinar ou competir. Bourdieu (1989) explica como o poder simbólico é eficaz graças à sua invisibilidade, assim, as pessoas raramente sentem que

estão a ser controladas e interiorizam as normas rapidamente, porque já partilham as crenças que sustentam essa mesma ordem.

Uekusa (2018) explora precisamente esta aplicação dos conceitos de Bourdieu ao surf, analisando as relações fluidas de poder entre surfistas e como estes usam os diferentes capitais na tentativa de subir na hierarquia, ganhar reconhecimento, e maior acesso às ondas. A autora demonstra também como pode existir uma tensão entre o prestígio social e o desempenho prático, em que surfistas com um grande capital social fora de água podem ser mais vulneráveis dentro de água, demonstrando novamente a fluidez e complexidade destas relações.

Michel Foucault é essencial na análise das relações de poder e os seus conceitos e ideias são extremamente úteis quando aplicados ao universo do surf. Foucault (1982) elabora uma análise do poder focada nas práticas quotidianas e relacionais, demonstrando como o poder se encontra em todas as relações, em vez de concentrado nas grandes instituições e nas formas mais repressivas e violentas. Assim, o poder não é algo que apenas reprime diretamente, ele molda comportamentos e contribui para a construção do sujeito e a criação de identidade. Foucault foca-se em como o poder molda os corpos, o corpo é moldado e treinado por meio de técnicas e regras impostas pelas instituições que tornam o corpo submisso e obediente através da disciplina.

Como descrito por Foucault, o poder produtivo cria uma separação ao categorizar as pessoas, neste caso por exemplo como “local” ou “não local”. Estas e outras categorias são formas de constituir o sujeito, e definir quem pertence e quem não pertence, que comportamentos são aceites e os que são julgados e negados. Assim, através das interações entre os surfistas, por vezes em coisas subtis, os sujeitos policiam-se uns aos outros, acabando por definir o que é a norma. Desta forma se criou e se faz a manutenção da hierarquia e das regras informais.

Este tipo de policiamento pode ir desde atitudes dentro do mar durante a prática do desporto, até ao julgamento fora do mar, relativamente por exemplo à forma de vestir, forma de falar e, no geral, à forma de agir. Trazendo novamente o paradoxo de um mundo que é tão relacionado com a liberdade e a paz, mas simultaneamente repressor e repleto de regras.

O surf é particularmente interessante por ser um espaço sem regras formais, sem uma autoridade e com poucos limites espaciais. Assim, as regras são definidas pelos próprios

praticantes, não só pela repressão direta, mas também pela regulação do comportamento do outro, criando assim uma forma de governar os corpos, definindo os padrões de produtividade.

Assim, tanto em Foucault como em Bourdieu, se conclui que o poder não está apenas nos momentos de tensão, mas sim em toda a experiência quotidiana. Enquanto o poder repressivo se manifesta por exemplo na violência física e no impedimento de acesso a certos picos, o poder produtivo e o poder simbólico são interiorizados e naturalizados de forma mais subtil. O poder simbólico de Bourdieu expressa precisamente essa interiorização das estruturas dominantes, numa perspectiva de conflito, entre a classe dominada e a dominante. Este conflito é o que dá origem, no caso do surf, à hierarquia e às regras informais. Enquanto o poder produtivo de Foucault se traduz em algo aspiracional para todos, por exemplo a ideia do “verdadeiro surfista”, define um ideal ao qual todos se moldam, seja pela forma de vestir ou de agir. Assim se categorizam os *insiders* e os *outsiders*, os que podem surfar e os que não podem surfar.

Em síntese, a compreensão das dinâmicas de poder e exclusão, é realizada através do diálogo entre as diferentes perspectivas teóricas. Partindo de Foucault, reflete-se sobre como os discursos e práticas regulam os corpos no mar, produzindo normas e hierarquias que moldam os comportamentos, e legitimam quem pertence e não pertence a certos espaços. Através das ideias de Bourdieu, entende-se como os agentes disputam a sua posição dentro desses espaços estratificados, através dos seus capitais. Complementando com os conceitos de Parkin, que permitem observar os mecanismos usados pelo grupo dominante para manter o seu poder e pelo grupo vulnerável para conquistar o seu espaço. A articulação das três perspectivas permite uma compreensão profunda do surf, para além de uma prática de desporto e lazer, mas também um campo de disputas onde se cruzam relações de poder, capitais, e lógicas de exclusão e resistência.

CAPÍTULO 2 - CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE OBSERVAÇÃO

O Baleal, hoje uma península, foi em tempos uma ilha isolada. Com o passar dos anos, a acumulação natural de sedimentos ligou-a ao continente, criando duas praias famosas, divididas por uma estrada que atravessa o areal.

Esta zona pertence a Peniche, que era uma cidade predominantemente de pescadores, mas considerando o declínio da pesca, o turismo de surf tem tido um impacto positivo para a área em termos económicos. É uma zona que tem sofrido alterações profundas, e o surf é uma das principais causas destas mudanças (Rebelo e Carvalhinho, 2012).

As duas praias incluem vários picos (zonas do mar onde se formam ondas propícias à prática de surf), com variadas características, permitindo uma maior riqueza à pesquisa. O pico mais popular da zona é o Cantinho, conhecido pela grande desordem de surfistas de todos os níveis. Tem ainda a Prainha, um sítio onde frequentemente estão / habitualmente frequentado pelas escolas de surf, e mesmo ao lado o Lagide, um pico conhecido por ser maioritariamente frequentado por locais.

O Cantinho e o Lagide foram os principais focos da observação, o primeiro por compreender diferentes níveis de surfistas e por ser muito popular, o segundo por ser conhecido pelo localismo. A Almagreira, o Pico da Mota, a Consolação, a Super Tubos, e outros picos e praias de Peniche e arredores, também fazem parte do espaço social analisado, no entanto estes picos são maioritariamente frequentados por surfistas de nível intermédio ou superior, raramente há presença de escolas de surf, e não pertencem às praias do Baleal.

A vida social no Baleal engloba principalmente dois espaços, a praia e os estabelecimentos de convívio (cafés, bares, restaurantes, hósteis) perto da praia, estendendo-se até Ferrel e Peniche. Os frequentadores destes espaços têm perfis específicos, podendo destacar três grupos distintos: (i) os locais ou residentes; (ii) as pessoas que vêm só fazer praia ou surfar e não habitam na área; e (iii) os que estão de férias por longos períodos de tempo.

Sendo um sítio muito pequeno, todos acabam por frequentar os mesmos locais. Há também uma espécie de rotina em que atividades semanais ou eventos específicos levam as pessoas aos mesmos sítios, por exemplo, música ao vivo, karaoke, dança, yoga,

capoeira, noites de quiz, workshops e vários outros. Estes eventos vão sendo ligeiramente alterados, mas com os mesmos conceitos e bases. Retiros espirituais e rituais associados (por exemplo rituais com cacau ou camomila), também são comuns nesta zona.

Por trás desta realidade, existem também famílias portuguesas que vivem na área há várias gerações, que não fazem surf e não frequentam estes espaços. No verão e em épocas festivas, estas famílias alargam-se com o número de familiares emigrantes, que voltam para passar férias. Muitos dos portugueses que ainda vivem nesta zona já foram emigrantes, e agora os seus filhos estão a trabalhar noutros países, principalmente França e Canadá.

Apesar de, por vezes, os seus rendimentos serem dependentes do turismo de surf, fazem um esforço para não deixar que esta zona se torne um local totalmente turístico, com preços inacessíveis e onde todos os negócios e espaços são direcionados aos estrangeiros, turistas e surfistas. Paradoxalmente, também são os portugueses, donos da maioria das habitações, que duplicaram e triplicaram os preços de aluguer de apartamentos e casas nos últimos anos. Em Ferrel, a vila mais próxima do Baleal, os preços de uma renda são atualmente similares aos praticados em Lisboa.

Como vários destinos turísticos de praia em Portugal, existe uma enorme diferença entre os dois períodos do ano. No inverno muitos dos negócios fecham por várias semanas ou até meses, muitas casas estão fechadas, vazias, os estacionamento sempre vazios, e vêem-se poucas pessoas na rua. Em oposição ao verão, onde a maioria dos estabelecimentos estão abertos e cheios, as ruas cheias, as casas abertas, muito trânsito, poucos lugares para estacionar, festas e eventos constantes. No verão, as condições de surf para iniciantes são melhores do que no resto do ano, enchendo-se tudo de escolas de surf. No outono, é a melhor altura para surfistas intermédios ou profissionais, desta vez com menos sobrepopulação no mar, o que faz o Baleal um local também atrativo para turismo de outono. No inverno encontra-se a zona quase vazia.

Com o passar dos anos, escolas de surf tornaram-se cada vez mais visíveis. Em poucos anos, de algumas escolas de surf, passaram a ser incontáveis. Vários picos enchem apenas com os alunos das escolas de surf, que tendem a frequentar principalmente os picos Cantinho e Prainha. As aulas de surf podem variar de 1 a 30 ou mais alunos, sendo que a tensão entre surfistas e grupos de escolas de surf é muitas vezes visível, não apenas pela sobrelotação de pessoas, mas também porque estes grupos são formados

maioritariamente por principiantes, sem muito conhecimento sobre o desporto e com comportamentos perigosos, que causam muita frustração aos restantes surfistas.

Nestas dinâmicas relacionais existem diversos pontos a considerar, pela perspectiva dos alunos, que pagam um valor muito elevado pelas aulas, estadia, etc, e tentam aproveitar ao máximo a experiência, enquanto simultaneamente aprendem um desporto desafiador, lidando com a sobrepopulação de pessoas no mar, com os conflitos, e por vezes com agressões verbais e físicas.

Da perspectiva dos instrutores, muitos deles surfistas locais, para além de terem de cumprir o seu trabalho como professores, têm de respeitar as regras da praia e as ordens dos nadadores-salvadores, tentando manter em segurança os seus alunos (considerando que os acidentes e as lesões são comuns), e tendo em conta a hierarquia e as regras informais existentes.

O surf sempre foi conhecido pela sua associação à disrupção, a um estilo de vida diferente do habitual, antissistema. Com a massificação do surf como fenómeno global e a sua incorporação nas lógicas de mercado e turismo de experiência, este retrato tem vindo a ser alterado. Hoje em dia qualquer pessoa pode alugar uma prancha, um fato e praticar o desporto, aumentando assim exponencialmente a facilidade do acesso ao surf, permitindo uma maior diversidade de surfistas (Westwick & Neushul, 2013).

Antigamente a imagem do surfista era associada predominantemente a pessoas que não tinham empregos convencionais, viviam praticamente na praia com poucas condições materiais, enquanto hoje em dia, dentro da categoria de surfista, encontramos inúmeros perfis diferentes, pessoas de todas as classes sociais e de todas as partes do mundo. O trabalho remoto levou também a uma mudança na imagem do surfista tradicional, em que os surfistas podem ter empregos convencionais, como em grandes empresas localizadas nos centros urbanos, e ainda assim viver ou passar longas temporadas em destinos de surf. No Baleal muitos dos surfistas estrangeiros são nómadas digitais, garantindo esse privilégio.

Apesar destas mudanças alguns padrões ainda se mantêm, como a busca por um estilo de vida alternativo e longe das cidades, a conexão com a natureza, a forma característica de vestir. Para além dos elementos de estilo de vida alternativo, também há elementos conformistas, como por exemplo a heteronormatividade e a prevaência das normas de género muito acentuadas (Waitt, 2008). Estas características sobre o surf e os surfistas são

facilmente visíveis no Baleal, e fornecem um contexto essencial para a compreensão deste universo.

A cultura do surf continua a ser predominantemente masculina, sendo que é uma realidade que está a mudar com o aumento das mulheres no desporto. No entanto, há desigualdade visível, em que a mulher continua a ser representada como uma figura de suporte e sexualizada (Lisahunter, 2018). Um cenário conhecido de forma geral, e também identificado no Baleal, é o do homem a surfar, enquanto a mulher tira fotografias aos surfistas, ou lê um livro no areal. Ou então o típico casal em que o namorado tenta ensinar a namorada a surfar. O estereótipo de que “as mulheres não sabem surfar” ainda está muito presente.

Relativamente à vida social no Baleal, há um grupo a destacar. Estes são os estrangeiros que estão de férias no Baleal, como referido, muitos deles nómadas digitais, que passam longos períodos de tempo em Portugal, alojados em hotéis ou alojamentos locais, para além do surf, trabalhar (maioritariamente online), e das visitas que fazem aos locais perto do Baleal, como Óbidos, Nazaré, Lisboa, etc. O restante tempo passam maioritariamente nos eventos sociais e locais de convívio, sendo que estes lugares acabam por ser uma extensão do espaço social da praia do Baleal. O estilo de vida é rotativo entre a praia, casa/ alojamento, e os diferentes estabelecimentos; é o chamado “boémio”, visível nas diferentes representações do surf, na literatura, em filmes, ou em podcasts.

Tudo gira em torno do surf, da praia e do tempo em convívio nos restaurantes e bares. Os hostéis desempenham múltiplas funções ao mesmo tempo, não só alojamento, mas também como escola de surf, como restaurante/ bar, local com atividades, e, em alguns casos, também vida noturna. Assim, muito tempo é passado nos hostéis, também por pessoas que não estejam alojadas neles, seja pelas aulas de surf, pela comida, pelas atividades ou pelo convívio. Esta forma de viver também está associada ao consumo elevado de álcool e outras substâncias, sendo o surf também um desporto muito associado à festa, ao convívio e a ambientes informais.

Os locais que são movidos pelo surf geralmente têm algo de atrativo e fascinante pelas suas características, muitas vezes descritos como “uma bolha” ou um “microcosmos”. Por esse motivo diz-se que quem passa pelo Baleal uma vez, acaba por voltar. Muitos turistas, depois de virem a primeira vez, passam a vir todos os anos ou até várias vezes por ano; também tem aumentado o número de estrangeiros que acaba por se mudar

para a área por tempo indefinido, muitos vivem nas suas carrinhas, outros compram ou alugam apartamentos e casas, contribuindo também para o aumento exponencial dos preços da habitação e do custo de vida no geral.

CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

A pesquisa empírica parte de uma estratégia de investigação intensiva, através de uma abordagem etnográfica que analisa a problemática com profundidade. A pesquisa foi conduzida através de uma combinação de métodos que incluem observação participante e não participante, entrevistas semi-diretivas, complementando com conversas informais (Hammersley e Atkinson, 2007). Os métodos qualitativos permitem uma compreensão mais profunda dos fenómenos e os seus significados, riqueza nos dados recolhidos, e flexibilidade na metodologia no decorrer da investigação (Denzin et al., 2017).

Considerando a reflexividade da investigadora, sendo aprendiz do desporto, residente no local, e trabalhadora num restaurante próximo do Baleal, frequentado maioritariamente por surfistas, possibilitou ocupar uma posição privilegiada, não apenas por estar em constante contacto com o tema, mas também porque a profissão permite ter muita proximidade com diversos surfistas que contribuíram para a pesquisa. As conversas informais sobre o tema surgiam diariamente no local de trabalho, sendo possível não só escutá-las, mas também muitas vezes intervir, graças ao ambiente descontraído do local e à proximidade existente com os clientes. Foi destas conversas que partiu a primeira pergunta de investigação “quais são os motivos de existir tanta violência no surf”. Segundo Berger (2013), a reflexividade do investigador não é apenas uma questão ética, mas também uma ferramenta metodológica necessária para a melhor compreensão dos dados, tendo em consideração o impacto que o investigador tem durante o processo, e consequentemente nos resultados da pesquisa.

Durante a investigação, houve uma imersão no universo do surf. Apesar da observação ter sido realizada na praia - dentro de água e fora de água na areia -, todo o quotidiano permitiu recolher informação em outros espaços e contextos de interação, isto é, em convívios, cafés, restaurantes, dias de praia e dias de trabalho. A prática do desporto acontece dentro do mar, no entanto toda a vila em torno da praia é uma extensão do espaço social. Nos vários espaços de convívio, foi possível observar e aprender com as interações e conversas dos surfistas, não só sobre a prática do desporto, mas sobre a vida social, a criação de identidades, as experiências partilhadas, e tudo o que envolve e cria o contexto estudado.

A observação na praia permite compreender códigos e significados que não são verbalizados nas entrevistas nem nas conversas informais. Sendo a observação longa e repetida, também permite compreender hábitos, rotinas, padrões e tendências. Foi feita observação fora e dentro de água, rapidamente chegando à conclusão que fora da água era muito difícil analisar as interações, tendo passado a fazer observação maioritariamente dentro de água, que mesmo considerando os problemas de registo, permitia ver as dinâmicas de perto. Durante as observações houve a tentativa de não interferir demasiado com os acontecimentos, assumindo a posição de “participante como observador”, (Stranger, 2011). No entanto estar sentada e não apanhar ondas também não era uma opção, sendo que esse comportamento pode ser considerado estranho e levar a que os restantes surfistas não respeitassem a posição da observadora. Bryman (2019) demonstra as vantagens da observação direta, sendo o método que permite o acesso ao comportamento em contexto natural, captando o não verbal, e permitindo a visibilidade das regras informais em ação, possibilitando a sua análise e compreensão profunda.

O uso do diário de campo foi fundamental no registo durante e depois das observações, mas também tendo sido utilizado para pensamentos, reflexões, anotações, desenhos, registos das conversas informais e ideias espontâneas. O diário de campo foi inicialmente escrito à mão, no entanto foi criada uma versão digital, na qual, para além dos registos escritos à mão, fotografias tiradas pela investigadora, desenhos e outros materiais recolhidos nas redes sociais e na internet.

O período de observação no mar decorreu entre maio e agosto de 2024, tendo sido realizadas 9 observações, das quais 4 fora de água e 5 dentro de água. Estas observações foram essenciais à pesquisa por diversos motivos, inicialmente para uma melhor compreensão do mar e de forma a aumentar o conhecimento técnico sobre o desporto e, simultaneamente, para compreender como se movimentam os corpos e como se organizam os surfistas dentro de água. Também foi essencial para identificar as regras informais na prática, ver como se cruzam as regras de etiqueta gerais do surf com a hierarquia e as regras do localismo.

As entrevistas têm um papel fundamental para fazer perguntas sobre temas que não surgem nas conversas informais e na recolha de dados não observáveis. Para além da análise do que é dito, também é possível analisar as atitudes dos entrevistados perante certas perguntas e assuntos, que são também relevantes nesta análise. As entrevistas

foram semi-diretivas, permitindo uma maior flexibilidade e encorajando o entrevistado a expor o seu ponto de vista mais livremente (Bryman, 2019).

As entrevistas abordaram diversos temas para além da violência no surf, nomeadamente sobre a vida social no Baleal, o aumento do turismo, a comercialização do surf, desigualdade de género e outros. Foram utilizados dois guiões, sendo o primeiro mais curto para as primeiras 4 entrevistas (Anexo A), e um segundo guião para as 9 entrevistas longas (Anexo B), que foi sendo atualizado, permitindo adaptar as perguntas às necessidades e à evolução da pesquisa. O período de entrevistas decorreu entre julho de 2024 e setembro de 2025. As entrevistas foram feitas a surfistas de diversos perfis, tendo sido realizadas 13 entrevistas no total. Inicialmente foram realizadas 4 entrevistas curtas com o objetivo de captar as perceções dos surfistas sobre a cultura do surf. Posteriormente foram realizadas 9 entrevistas longas, das quais, 2 a surfistas locais, 7 estrangeiros, dos quais 5 vivem atualmente na zona do Baleal. 4 mulheres, 5 homens. Variando de nível desde principiante a profissional, e incluindo um instrutor de surf.

Tabela nº1- Características dos Surfistas Entrevistados

Nome e Género / Categorias	Idade	País de Origem	Residente	Área / Tipo de Ocupação	Nível de Surf
Astrid (F)	28	Alemanha	Não		Iniciante
John (M)	18	Inglaterra	Não		Intermédio
Josie (F)	19	Alemanha	Não		Iniciante
Andrew (M)	38	Canadá	Sim - 5 anos	Atleta	Intermédio
Tom (M)	22	Países Baixos	Não	Hostel, Rece- ção	Experiente
Anne (F)	30	Inglaterra / Ale- manha	Sim - 3 anos	Nómada Digi- tal	Intermédio
Olivia (F)	29	Nova Zelândia	Não	Restaurante	Intermédio
James (M)	34	Inglaterra	Sim- 5 me- ses	Nómada Digi- tal	Experiente
Ingrid (F)	41	Alemanha	Sim - 13 anos	Nómada Digi- tal	Experiente
Pedro (M)	33	Portugal	Local	Instrutor de Surf	Experiente
Carlos (M)	27	Portugal	Local	Surfista	Profissional
Francesco (M)	36	Itália	Sim - 2 anos	Nómada Digi- tal	Intermédio
Paolo (M)	44	Itália	Sim - 10 anos	Dono Restau- rante	Experiente

A técnica de amostragem foi de amostra propositada, sendo que os entrevistados foram escolhidos intencionalmente, e sequencial, sendo que a amostra foi gradualmente acrescentada de acordo com a necessidade. Foi usada uma amostra de casos críticos, composta por casos que poderiam dar informações cruciais, baseadas nas questões da investigação (Emmel, 2013).

As entrevistas foram gravadas com o gravador do telemóvel, com autorização dos entrevistados, depois transcritas para um documento, e após a transcrição de cada entrevista foi feita uma análise temática (Bardin, 2022), destacando os temas mais importantes de cada entrevistado, e fazendo uma reflexão sobre os mesmos. Foi utilizada uma grelha de análise para as entrevistas longas, uma tabela organizada por temas, permitindo analisar e comparar as respostas dos entrevistados lado a lado, por tema.

O registo de reflexões sobre conversas informais estendeu-se ao longo de toda a investigação, até à fase final de escrita. As conversas informais são ideais para discutir estes temas sem qualquer tipo de pressão ou expectativa, sendo que são espontâneas e informais, e onde as pessoas se sentem mais à vontade para se expressar. Estas conversas foram usadas muitas vezes para responder a dúvidas que foram surgindo ao longo da investigação.

Por si mesmos os diferentes métodos têm limitações, o que também torna o seu conjunto mais forte, sendo que os métodos foram usados de forma a complementarem-se entre si. Por exemplo, a observação pode servir como um complemento, provando aquilo que é dito nas entrevistas e conversas informais, fortalecendo a recolha de dados (Bryman, 2019). Para além do mais, as conversas informais permitem confirmar os dados observados na praia ou recolhidos nas entrevistas.

Para além do diário de campo, foi utilizado um diário metodológico para registo das observações e agendamento de entrevistas. Foi também criado um documento com os conceitos específicos do surf, necessários para entender o universo do surf, e as conversas dos surfistas (Anexo C). Foram vistos vários filmes sobre o desporto, com o objetivo de entender melhor a cultura e a história do surf. As redes sociais foram usadas como um complemento, sendo o tema da investigação frequentemente discutido em plataformas focadas no surf.

No decorrer da investigação, foram cumpridos os requisitos éticos da investigação científica. Antes de cada entrevista, foi questionado se o entrevistado consentia a

gravação, e informado que o seu nome verdadeiro iria ser alterado de forma a proteger a sua identidade. Não foram utilizadas fotografias onde fosse possível identificar os agentes, e no registo das conversas informais no diário de campo não foram utilizados nomes, ou foram utilizados nomes fictícios.

CAPÍTULO 4 - DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta os dados recolhidos nas entrevistas, observação e conversas informais, no diário de campo, cruzando a informação recolhida com o modelo teórico-analítico anteriormente desenvolvido, respondendo aos objetivos da pesquisa.

Ao longo do capítulo serão abordados os seguintes temas: (i) Regras Informais e Hierarquia; (ii) Tipos de Violência; (iii) Motivos que Contribuem para a Violência no Surf; (iv) Reações dos Surfistas mais Vulneráveis à Hierarquia e à Violência; (v) Paradoxo entre Liberdade e Normas.

4.1. Regras Informais e Hierarquia

O surf diverge de outros desportos por vários motivos, sendo um deles, o facto de ser dependente de um recurso limitado, o mar, acrescentando valor a cada onda e cada dia. Para além de todos os dias fornecerem condições diferentes, também as ondas mudam constantemente, e sendo que em cada onda deveria surfar apenas um surfista, cada pico tem um número de ondas limitado.

Ao mesmo tempo, é um desporto que exige muito esforço físico e muita paciência, às vezes esperam-se dois minutos pela onda, às vezes esperam-se duas horas, então quando chega uma onda depois de tanto tempo de espera, a pressão para apanhá-la aumenta.

It's not very long, and you're out there for so long that these moments are so fleeting, you really need to, like, grab them when you can, so then when someone takes it away from you, you know, you've been out there for 20 minutes waiting for a set, and then finally a wave comes, and someone takes it from you, it's very frustrating. (Olivia, 29 anos, Intermédia)

Todos os surfistas descrevem a prática do surf como uma experiência incrível, que lhes faz sentir uma conexão surreal com a natureza. A sensação de apanhar uma onda é descrita como uma coisa espiritual, um sentimento de liberdade que se torna num vício, e faz muitos quererem largar tudo para se inserirem num estilo de vida que gira em torno do surf.

It's my meditation, it's to reset and leave the negativity, it's my connection with nature, it's my place where I am just quiet. (Tom, 22 anos, Experiente)

Being one with the ocean. It's a very peaceful feeling. And water is a healing element, it's always good. (Anne, 30 anos, Intermédia)

Apesar de ser um desporto associado à liberdade, comunidade, paz de espírito e conexão com a natureza, existem regras não escritas e uma hierarquia que todos conhecem.

Eu nasci e comecei a surfar aqui em Peniche, onde há uma cultura de surf, bué forte, bué local. Aprendi que, o que me ensinaram foi, os mais novos respeitam os mais velhos. Os piores surfistas respeitam os melhores surfistas também, mas a idade é o mais importante. Idade depois skill. E depois o número de anos que surfas aquela onda e que moras aqui. Pronto cresci com esta cultura de hierarquias. (Carlos, 27 anos, Profissional, Local)

Todos os surfistas se deparam com esta hierarquia quando começam a surfar, dividindo as opiniões; alguns defendem a sua necessidade, por ser justa e por motivos de segurança. Outros rejeitam a hierarquia. Descrevem-na como injusta, violenta, e como algo que arruína a experiência do surf.

No topo da hierarquia estão sempre os surfistas locais, considerando um “local” uma pessoa que tenha crescido na zona e surfado um longo período de tempo, depois os surfistas não locais mais experientes, finalmente os restantes. Lembrando que as diversas características de um surfista o podem mover na hierarquia, quebrando assim a ordem normal, como explicado mais à frente.

Nesta citação, um surfista estrangeiro, experiente, que já surfou em vários países, explica a necessidade da hierarquia no seu ponto de vista:

...of course anyone can enter the water, but there needs to be some sort of hierarchical structure, for everyone to have fun and be safe, of course there are a lot of examples where these hierarchical structures are a little doubtful if its good or not. But yes there has to be some form of hierarchy, mostly based on your experience, on surf level, and whether or not you speak the language or you are a local. (Tom, 22 anos, Experiente)

A idade também foi anteriormente mencionada como um aspeto importante, e volta a ser mencionada por este surfista local, numa citação do diário de campo, de uma

conversa informal sobre a violência no surf. Nesta citação também entra a dimensão de género, o surfista sugere que as “miúdas” sofrem menos que os “putos”.

Disse que quando era “puto” os mais velhos não o deixavam surfar no Lagide. Perguntou se nós também passámos por isso, dissemos que não, e ele disse que as miúdas devem passar menos por isso. Mas “os putos sofrem”. (Diário de campo)

É relevante referir que também existe uma hierarquia entre as variações do desporto, bodyboard, surf de shortboard e surf de longboard. Há diversos pontos a considerar. Em cada pico e cada tipo de onda, as regras são diferentes. As longboards apanham ondas pequenas muito mais facilmente que as shortboards, então neste cenário, existe uma grande tensão entre shortboarders e longboarders, porque os longboarders continuamente “roubam” as ondas aos restantes, sendo que têm de fazer muito menos esforço físico e conseguem apanhar as ondas mais atrás do ponto onde estão os outros surfistas, ou seja, conseguem levantar-se primeiro na onda, dando a ilusão de que têm sempre prioridade. Nas ondas grandes, dominam os shortboarders, pois é a prancha indicada para ondas maiores e mais fortes, também são as pranchas que permitem fazer mais manobras. No geral, os bodyboarders são colocados no fim da hierarquia, mas na prática, o contexto muda tudo. Na praia Supertubos os bodyboarders são muito respeitados, por ser uma onda muito técnica, muito difícil de apanhar com shortboard e impossível com longboard. Nos dias de boas condições, os picos enchem-se de shortboarders e bodyboarders.

... há o surf de competição, de shortboard, que é uma cultura de surf muito agressivo, muito de ego, de mostrar quem é o melhor, e a maneira de surfar é agressiva e competitiva, e outra é a de longboard, mais retro, mais da natureza, da filosofia, da união com a natureza, não tem nada a ver com tudo o que envolve o surf desportivo e de competição. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Existem regras gerais e uma hierarquia geral, no entanto, estas relações são extremamente complexas. Estas interações, e toda a existência deste ambiente, está totalmente dependente de condições naturais e meteorológicas que se transformam rapidamente, assim, também as regras mudam, a hierarquia muda, e as relações são fluidas e estão em constante evolução. Por exemplo, o surf aqui descrito, é o surf praticado no Baleal, com as características do Baleal. O surf de ondas grandes, como aquele praticado na Nazaré,

é completamente distinto: as regras são outras, o material é outro, as pessoas são outras, a análise seria certamente distinta.

Esta análise permite evidenciar como as regras informais e a hierarquia têm um carácter opressor, sendo instrumentalizadas como uma forma de poder e controlo sobre o outro, mesmo tendo por vezes propósitos benéficos, como por exemplo a segurança. A forma como estas normas atuam, ao disciplinar e controlar os corpos, demonstram, através de Foucault, a combinação de poder repressivo com poder produtivo. Estas regras são assimiladas de forma subtil, são interiorizadas e reproduzidas pelos próprios sujeitos, criam identidades, e moldam o legítimo e o ilegítimo, moldando também a própria experiência do surf, em conformidade com os mecanismos apresentados por Pierre Bourdieu com o poder simbólico.

4.2. Tipos de Violência

A violência no surf acaba por se expressar principalmente no pico, sendo esse o sítio de disputa entre as ondas e da luta pela prioridade. No entanto, estende-se até fora da água, de diversas formas e em diversos contextos.

O surf foi descrito por todos os entrevistados como um desporto competitivo. Também por vezes como um desporto radical e perigoso.

When you enter a busy lineup you have to put up a competitive mindset to catch good waves. (Tom, 22 anos, Experiente)

If you are not very competitive you just let the hierarchy, take over. (Anne, 30 anos, Intermédia)

São comuns os episódios e os relatos de violência no surf, que dominam as conversas na comunidade, como é possível confirmar nas diversas entradas do diário de campo, onde conversas informais sobre estes temas surgiam naturalmente. (Ver anexo D). Como por exemplo, nestas duas citações:

O meu patrão chegou à pizzeria e contou um relato de um estrangeiro que levou um soco na cara de um local. (Diário de Campo)

Enquanto estava a limpar a pizzeria (...) entretanto eles começam a falar de localismo, juntou-se mais um rapaz à conversa “the fucking surf community should do something about this, it’s horrible”. (Diário de Campo)

A forma mais comum e mais direta que encontramos nos relatos, são os gritos e ameaças verbais.

Quite often you see people really shouting at other people, doesn’t matter if they are good or bad surfers, specially in terms of priority, like you took my wave, that was my wave. (Anne, 30 anos, Intermédia)

Normalmente, os locais gritam em português, são comuns os palavrões, ou o uso de linguagem xenófoba, com frases como “volta para o teu país”, não dando espaço para conversa.

Yes they always scream in Portuguese and when you want to talk to them they paddle away. (Tom, 22 anos, Experiente)

“caralho, fodase caralho” é tipo assim. Muitas vezes a conversa não é de um nível muito alto, não é tipo explicando, “tu estás a fazer mal aquilo” é tipo “vai embora, vai para a tua terra. (Ingrid, 41 anos, Experiente)

No entanto existem também muitos relatos de discussões que rapidamente se tornam num conflito físico, ou agressões físicas sem discussão prévia.

I was watching from the outside, a couple of guys from here, in Lagide, pushing someone under water, just because he took a wave. (Tom, 22 anos, Experiente)

O local respondeu com os punhos e não parou, não parou enquanto ele não saiu. Todas as vezes que ele tentou voltar para o pico, foi agredido e só parou de ser quando começou a remar para fora e saiu da água. (Pedro, 33 anos, Experiente)

Muitos destes conflitos têm as mesmas características, surfistas locais atacam outros surfistas por terem desrespeitado a hierarquia (por exemplo, “roubar” uma onda a um surfista local), ou simplesmente por tentarem praticar o desporto.

It’s completely conscious, just to show who is the boss. (Anne, 30 anos, Intermédia)

Todos estes exemplos, onde surfistas locais agredem verbalmente ou fisicamente outros surfistas, são exemplos de técnicas de fechamento por exclusão, onde a violência é usada como uma estratégia para proteger o recurso limitado. Simultaneamente, são formas de poder repressivo, que permitem afirmar a hierarquia no espaço social.

Nestas situações, geralmente, os locais apoiam-se uns aos outros, se um estiver envolvido num conflito físico, é normal que os outros intervenham para ajudar.

Eu fiquei em cima, portanto, durante 2 segundos estava mais alto que ele, pois mas ele era bem mais alto do que eu, bem mais forte. E houve ali um segundo em que a moeda já ia mudar e eu ia sofrer as consequências. Mas sem saber de onde apareceram os meus colegas todos. O senhor foi convidado a perceber que estava errado e teve de se ir embora. (Pedro, 33 anos, Experiente, Local)

E chegou um ponto que começou logo a ameaçar de tentar confrontar fisicamente e pronto começou a luta. Dentro de água, e toda a gente que era local foi lá ajudar. E o outro ficou mal, mas também lá está, eu não vou para o país dos outros... (Carlos, 27 anos, Profissional, Local)

Estes são exemplos onde o capital social de um surfista o pode ajudar, sendo que ter relações de amizade com outros surfistas, pode ser benéfico em momentos de tensão. Contrariamente aos surfistas que estão cá de férias, ou estrangeiros que não tenham uma rede de suporte, que ficam desprotegidos e isolados neste tipo de situações.

Existem diversos outros exemplos de como a violência física é utilizada para intimidar certos surfistas que não entram na categoria de “local”, ou que por outros motivos não sejam aceites pelo grupo dominante. Alguns destes exemplos passaram-se em outros países, no entanto são ilustrativos da realidade aqui analisada:

Na Indonésia, um brasileiro passou por cima de mim e cortou-me a perna com a quilha só para demonstrar que ele era bom e eu era um “prego”, é assim que os brasileiros chamam quem não sabe surfar bem. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Em Marrocos tentaram afogar-me, estava a surfar num pico sozinho, estava lá a trabalhar e conheciam-me mas estava a surfar sozinho na minha, um rapaz chegou com uma escola de surf, com os alunos, entrou e pôs-se no mesmo pico onde eu estava sozinho. Ele olhou para mim e disse “vai embora, agora estamos aqui

nós”, e eu mandei para o caralho, e andámos à porrada, depois chegaram todos os outros instrutores e tentaram afogar-me. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Relatos de tentativas de afogamento também são comuns, como descritos neste episódio vivido pelo Paolo. Na próxima citação, Francesco conta que depois de uma agressão física que sofreu na zona do Baleal, o surfista, que não era um surfista local, mas era português, ainda lhe extorquiu dinheiro, dizendo até no final que ele teve sorte, porque outro surfista teria feito pior.

This was in Pico da Mota. So and we collided and then when he came up, he started, “Didn't you see it was a right” and “I saw that to me was left”. And that was the end of the conversation. The guy said. “What did you say?”. Came there, started to punch me and I was defending myself and then was looking at the board and said “now you pay the damage.” I was able to catch a wave and go to the shore and actually wait for him. He took the next wave and on the beach he started again the punching thing. And then threatened me again, I had to give him money. He wanted me to go with him by car to an ATM because he didn't have money with me and so I said “no, I follow with my car”. So he threatens again. Like “If you don't follow me, blah blah”. So we went there and then I withdrew money and I gave him the money. And he also had the courage to say that someone else... that he was easy on me because someone else would have done much worse. (Francesco, 36 anos, Intermédio)

Este é um exemplo, aqui na zona, de como esta violência toma proporções assustadoras. Outro aspeto interessante neste caso, é que este surfista que foi agredido, antes de apresentar queixa na polícia, procurou confirmar se este português era local ou não, tendo dito que se fosse um surfista local, provavelmente não teria feito queixa. Depois de descobrir que não era, sentiu-se seguro de apresentar queixa na polícia. Este caso demonstra o poder da categoria de “local”.

Existe também violência fora da água. Certas áreas são teoricamente, exclusivamente para locais. Quando não locais tentam surfar nestes sítios, existem diversas formas de intimidar os restantes surfistas a nunca voltarem a tentar surfar ali.

...there is a place where if you are not a local don't ever go there, because people had put cars on fire. (Anne, 30 anos, Intermédia)

Este tipo de acontecimentos provoca uma reação de medo muito forte, não só àqueles que sofreram as consequências, mas a todos os que ouvem o relato, cumprindo assim o objetivo principal que leva a este tipo de violência, ou seja, manter o privilégio do surfista local sobre as ondas e a exclusividade de certos sítios. Este é um exemplo onde o capital simbólico é mobilizado para reforçar a hierarquia, preservando-se assim a legitimidade e o poder dos surfistas que praticam este tipo de atos.

Mas a melhor onda de todas é o Molho Leste, mas infelizmente não a posso surfar porque não sou um local, cada vez que entro na água, vou levar porrada. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Esta citação revela também fechamento por exclusão, o Paolo sabe que nem vale a pena tentar surfar neste pico específico, sendo que nas suas tentativas anteriores não foi possível. Assim os locais conseguem preservar o seu recurso, ao instaurar o medo e o desconforto.

Mesmo em sítios não exclusivos, quando os surfistas locais pensam que um outro surfista não tem o direito de estar naquele sítio. Não hesitam em avisá-lo para sair, iniciando talvez com um discurso calmo sobre segurança, e por vezes depois partindo para a violência física.

Eu às vezes pelo menos tipo, quando vejo uma pessoa que não percebe nada, vou lá, olha, falo com calma. “Sorry you don’t have the level to be here, it can be dangerous” falar calmo e as pessoas vão... (Carlos, 27 anos, Profissional, Local)

O uso de mecanismos de exclusão que controlam o uso do espaço, podem passar por um discurso de proteção ou até violência física. Numa conversa informal com um surfista local, dono de um alojamento e escola de surf, ele partilha a sua estratégia:

Quando tenho de usar violência, primeiro uso violência psicológica, digo que o mar está muito perigoso para ver se eles saem, se não saírem tenho de fazer mais pressão, mas nunca com socos, talvez empurrões. (Diário de campo)

O uso da “segurança” como razão para advertir outro surfista pode ser ambíguo. Neste caso, é usado apenas como uma espécie de manipulação na tentativa de dominar o espaço, sem nenhum fundamento de preocupação. No entanto, existem casos onde realmente há desconhecimento das condições do local e os surfistas mais experientes

advertem os outros em situações perigosas. Exemplo disso mesmo foi este episódio recolhido numa observação fora de água, registado no diário de campo:

Um surfista (estrangeiro) estava fora de água e ia entrar; e ele (surfista local), fez-lhe sinal, a dizer que não podia entrar por ali. O surfista (estrangeiro) obedeceu-lhe e entrou mais longe. (Diário de Campo)

Nesta situação, ficou claro, e foi depois confirmado por outros surfistas, que o surfista local estava a ajudar o outro, sendo que ele estava a entrar por um sítio muito perigoso sem conhecimento. Este é um exemplo dado muitas vezes nas entrevistas como “bom localismo”, confirmado com observação.

Este é um exemplo onde o capital cultural, ou seja, o conhecimento sobre o espaço e as ondas, produz poder simbólico, dando legitimidade a certos surfistas, para aconselharem outros sobre regras de segurança, e determinando o que pode e não pode ser feito. Neste caso, o poder simbólico é usado como poder produtivo, usando a segurança para limitar o acesso, em certas ocasiões pode ser interpretado como uma forma de fechamento.

Para além destas formas mais diretas e agressivas, existem outras técnicas usadas pelos locais para tentarem manter a sua exclusividade:

Surfam aí desde criança, conhecem-se todos, são ou vizinhos ou primos. E quando chegas lá, só pelo facto de não te conhecerem pessoalmente, excluem-te de conseguir apanhar a onda. O ponto de take off daquela onda, é 4 ou 5 metros quadrados, a área é muito limitada, e eles encham aquela área, fisicamente fazem um grupo muito cerrado, e não tens possibilidade física de entrar nessa área, então entras, e tens de esperar que todos apanhem uma onda, e quando todos já apanharam, e estão a remar para trás, tens de esperar se sobra uma onda para ti. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Neste caso as pessoas organizam-se, de forma a criar uma barreira física, não dando hipótese a outros surfistas de surfar aquele pico.

Os exemplos dados até agora expressam o exercício do poder repressivo, onde os dominantes exercem o seu poder, através de atos de agressão e obstrução. Este tipo de violência é facilmente identificável, é reconhecida e discutida por todos. Mas também

existem exemplos onde a violência é exercida de forma mais subtil, produzindo significados e definindo a norma.

Este é um exemplo onde a discriminação é usada para evidenciar a hierarquia, mesmo fora de água.:

Depois há outros grupos e tipos de pessoas locais, que sabem perfeitamente que eu sou daqui, que os meus filhos nasceram cá, sou quase mais ferrelejo que italiano, mas olham para mim e falam-me em inglês, só para sublinhar e evidenciar que eu sou estrangeiro. Não me falam em português, de propósito, sabendo perfeitamente que eu falo português. Querem evidenciar que eu nunca vou ser português. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Um outro exemplo claro de violência e exclusão fora da água, que engloba também uma ideia de vigilância, está nesta citação do diário de campo:

Hoje descobri que no whatsapp existe um grupo de locais, nesse grupo combinam ir surfar, falam dos spots que vão estar bons etc. E têm também uma espécie de “lista negra” onde incluem os estrangeiros que eles não gostam. (Diário de Campo)

Aqui é feita uma categorização pelos surfistas locais, que já excluem naturalmente os outros surfistas. Ainda assim, criam esta lista para ressaltar que certos indivíduos têm características ou atitudes que não lhes agrada, tentando assim aumentar a exclusão, discriminação e violência contra eles. Esta é simultaneamente uma forma de poder repressivo e produtivo e também um mecanismo de exclusão por fechamento, demonstrando como a violência está para além da água, através da categorização e hierarquização das pessoas.

A ideia do “verdadeiro surfista” também pode ser lida como uma expressão do poder produtivo, define uma identidade desejável que categoriza as pessoas e exclui aqueles que não entram em certos padrões. Este termo pode ter diferentes significados para diferentes surfistas, no entanto normalmente define uma pessoa experiente, que prioriza o surf na sua vida, organiza a sua vida de acordo com as marés, surfa com regularidade, e é de certa forma viciado na adrenalina e nos sentimentos que a prática do surf trazem. Noutra perspetiva, também pode estar associado à ideologia que define a cultura do surf, por exemplo, o ser antissistema.

O surf é uma coisa da alma, o verdadeiro surfista é uma pessoa que entra na água, surfa a primeira onda, quando nós começamos a surfar nem havia escolas, não havia nada, então entravas na água e tentavas ser levado por uma onda. A primeira vez que tu sentes essa sensação, nunca mais vais deixar. Isso é o surf. É uma das coisas mais gratificantes que podes fazer na vida. Dá uma sensação de prazer e adrenalina e de união no momento. Não meditação, mas no momento em que estás a surfar, estás conectado contigo mesmo porque não há tempo para pensar. É uma ação instintiva, é uma coisa tão forte que fica como uma droga, uma dependência. Não é mais do que isso, é simplesmente ir para a água, e estar livre de tudo, quando estás lá estás livre de tudo, não pensar, simplesmente ser. Tudo o resto, a cultura estética e todas essas coisas, é bullshit. (Paolo, 44 anos, Experiente)

4.3. Motivos que Contribuem para a Violência no Surf

- Quantidade de pessoas na água

Certamente também pode existir violência em *line-ups* com poucos surfistas, no entanto, quando há demasiadas pessoas no mesmo pico, como por exemplo no Cantinho, existe um aumento da tensão e frustração, causando mais frequentemente episódios agressivos.

It's mostly the more people you have on a spot, it's like, when you put animals in a cage, the more animals you put, the more competitive and negative it will get. In the end we are all humans, and humans are animals, we think we are smart but 90% of the time you act out of your emotions, and that's with surfing as well. It is very freeing and chill, but when there is more people, there is more tension. (Tom, 22 anos, Experiente)

Alguns surfistas acabam por não surfar durante a época alta, surfar muito menos do que seria desejável, ou tentam procurar lugares onde as condições são menos favoráveis, na tentativa de surfarem sozinhos. Idealmente o desporto pratica-se com um surfista por onda. Quando há muitos surfistas a lutar pela mesma onda, a probabilidade de isso acontecer é muito baixa, e começam as disputas de quem tem prioridade e porquê.

No Surf é uma onda um surfista. E se tiverem 50 pessoas na água. Vai ser muito difícil tu esperares 49 ondas para poderes surfar outra vez. Então é assim, acaba por ser muito competitivo. (Pedro, 33 anos, Experiente, Local)

I always try to find a wave where there is not too many people, I don't like to surf with crowds (Tom, 22 anos, Experiente)

- Localismo

Existem as regras gerais de prioridade, e aquilo que chamam “surf etiquette” ou “surf code”, (Diário de Campo, p.8), um conjunto de regras que surge desde a origem do surf, partindo do bom senso dos praticantes. Estas são universais, ensinadas nas escolas de surf, podem ser encontradas online, e em certos países, até estão escritas nas praias.

As regras de etiqueta são baseadas no respeito e segurança de todos, e o localismo, de certa forma, transcende estas regras, dando a prioridade aos locais, independentemente do resto. A ideia de que os locais têm mais direito sobre as ondas, tornou-se uma opinião geral. Mesmo que se discorde desta ideia, ela é geralmente respeitada.

Respect the locals, they have been surfing there their whole life, don't take their waves. (...) they have been spending so much time there at the same surf spot, they grew up there, so they should get the better waves, instead of someone who is just visiting. It's their home. This also has a lot to do with knowledge as well, imagine if you are a local and you don't even do a good down the line wave, then of course you don't have the right on the best waves. So it's a little bit experience, knowledge, and localism, it all comes together. (Tom, 22 anos, Experiente)

In normal culture, in society, it's bullshit, right? The ocean belongs to everybody. But in surfing culture, it's very much... You respect the locals because it is their wave. That's how I feel about it. (James, 34 anos, Experiente)

Um exemplo de como o localismo também atua nas aulas de surf, explicado por um instrutor local:

Não é justo, mas o surf favorece o local. E prejudica quem não é local, ou seja, eu, eu como instrutor ou outra pessoa qualquer, vou prejudicar os meus alunos em relação a um surfista local, alguém que eu conheço, alguém que eu sei que está a surfar e eu sei que é de cá. E vou prejudicar um surfista que não é de cá

em relação aos meus alunos. Acho que é tão simples quanto isso. (Pedro, 33 anos, Experiente, Local)

Normalmente os instrutores, quando também me veem, não metem as pessoas nas minhas ondas, respeitam. (Carlos, 27 anos, Profissional, Local)

O aumento das escolas de surf, que cada vez ocupam mais espaço nas praias, leva também a um aumento da dependência financeira dos surfistas a este tipo de negócio, que passam a recorrer ao ensino do desporto como principal fonte de rendimento. Mesmo havendo respeito por parte das escolas aos surfistas independentes, neste caso locais, existe uma tendência macro, à qual os surfistas e a própria cultura do surf, não conseguem resistir, tornando o surf cada vez mais comercializado, afastando-se da sua origem anticonsumista.

As últimas citações são exemplos onde os capitais social e simbólico, favorecem os surfistas locais, ou aqueles que surfam vezes suficientes no mesmo local, até serem reconhecidos. A rede de relações estabelecidas, e as amizades criadas, podem ser muito vantajosas para os surfistas. Estes surfistas carregam capital simbólico, sendo que lhes são atribuídos legitimidade e reconhecimento, dando-lhes mais direitos sobre as ondas.

O principal argumento utilizado neste contexto, é que os surfistas locais conhecem melhor a onda, e tendo surfado naquele sítio a vida toda, agora têm mais privilégio que os restantes. Isto ilustra aqui novamente o capital simbólico e também o cultural. O capital cultural traduz-se no conhecimento técnico do surf, ao aprender mais sobre o surf, um surfista pode melhorar a sua performance, e ganhar reconhecimento.

Te odeiam ainda mais, mas se és mais rápido e surfas melhor que eles, não podem fazer nada. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Se um surfista surfar o mesmo pico várias vezes, pode começar a ser mais respeitado naquele pico, se melhorar a sua performance e demonstrar ser um bom surfista, também pode ganhar mais respeito. Uma pessoa que se tenha mudado para a zona do Baleal há vários anos, pode lentamente começar a ganhar privilégios. No entanto, nunca vai ser um surfista local, e assim, não terá os mesmos direitos totalmente.

Desde o Covid a malta descobriu que pode trabalhar no computador e estar cá em Portugal. Cada vez mais pessoas que se mudam para cá. E ao fim de 1 ano 2 3 4 de tar cá, depois também querem ter muitos direitos.” “Depois toda a gente

que se muda para cá quer ser local e não é verdade, e alguma vez temos que dizer, “Olha, calma, não vai acontecer. Vai ser local do teu sítio, mas não vais ser local do nosso”. (Pedro, 33 anos, Experiente, Local)

Muitos surfistas não locais ficam divididos neste tema. Por um lado, opõem-se à agressividade e à violência, por outro lado, conseguem imaginar a frustração de surfar a vida toda numa praia, sem quaisquer problemas de sobrepopulação, e de repente já quase não ser possível fazê-lo graças ao número de pessoas.

eu percebo, tu surfaste ali a tua vida toda, 10 amigos, tu e os teus 10 primos, e não havia outras pessoas, eu e os meus amigos, “ah João vai tu, ah (Carlos, 27 anos, profissional) vais tu, Rui vais tu”, havia uma onda para todos, agora estão mil pessoas é tudo mais complicado, há menos ondas para todos. De um ponto de vista é frustrante, pensas “fogo porque é que esta gente toda está aqui, porque é que não posso estar aqui com os meus amigos sem outras pessoas estragarem-me a vida.” Eu percebo a sensação de haver demasiada gente e não haver onda para todos, mas sendo uma pessoa respeitosa e não má, nunca na minha vida me permitiria de gritar ou mandar embora alguém, ou ser mesmo mau e não deixar outra pessoa surfar. Ok eu apanhei 10 15 ondas seguidas e vejo-te a ti que não apanhaste nem uma, deixo-te uma onda, surfa tu. Essas pessoas não, se entram 50 ondas, eles querem surfar as 50 ondas, são pobres de alma, pessoas pequenas e vazias. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Numa conversa informal durante uma observação fora de água, registada no diário de campo, um surfista local com cerca de 60 anos, descreveu o cenário de como era o surf há décadas atrás, referiu que surfava sempre a mesma onda sozinho, e que era até uma animação quando encontrava alguém dentro de água. Explicou que este cenário rapidamente mudou, e que, hoje em dia, já não se consegue surfar sozinho, demonstrou-se muito frustrado. Logo depois desta conversa entrou na água e provocou diversos conflitos com surfistas estrangeiros.

- Violência de Género

Existe um pressuposto de que as mulheres não sabem surfar. As surfistas mulheres descrevem que têm de se esforçar muito mais para conquistarem o seu lugar e serem respeitadas.

And women really have to fight for their waves. (Tom, 22 anos, Experiente)

She really feels like she has to man up and to own up to be taken seriously in the water (Anne, 30 anos, Intermédia)

O único problema é que em geral as mulheres não são boas a surfar, porque têm mais medo (...) Mas é normal, é um desporto onde tens de combater o medo e há muito perigo, não é um desporto que as mulheres gostam muito, é muito desafiante. As mulheres normalmente quando tem perigo de morte, não curtem, porque têm mais consciência. (Paolo, 44 anos, Experiente)

I know that they assume I'm shit. Yeah. So that can be frustrating. (Olivia, 29 anos, Intermédia)

Novamente, é importante referir que estes estereótipos e ideias se alteram consoante o tipo de surf. No entanto, partem sempre da ideia de que há diferenças fundamentais entre homens e mulheres, sendo que supostamente os homens têm características de domínio e força, e as mulheres são mais técnicas e com a finalidade de serem apreciadas, tal como demonstra esta citação:

Em longboard, talvez mais mulheres que homens, porque as mulheres preferem ondas mais suaves, menos perigosas, as mulheres de longboard, são muitas vezes muito melhores que os homens, têm um estilo muito mais lindo de ver. É como dançar, as mulheres dançam melhor que os homens. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Partindo deste pressuposto, existem duas atitudes opostas. Por um lado, os surfistas homens não deixam as mulheres apanharem as ondas, por outro, podem oferecer-lhes as ondas, também numa tentativa de conquista ou de cavalheirismo. No entanto, estas atitudes partem sempre de uma ideia discriminatória de inferioridade.

They don't let girls take as many waves. (...) sometimes if you're nice to them, they actually give girls more waves. (Olivia, 29 anos, Intermédia)

Lembro-me de uma rapariga na água que coitada, não conseguia fazer ondas porque era rapariga. Porque quase todos, quase todos os homens estavam a surfar, partiam do princípio... (Pedro, 33 anos, Experiente)

Quando confrontados com esta realidade, os surfistas homens não reconhecem que as duas atitudes são discriminatórias, dizendo que as mulheres acabam por ser favorecidas.

Até por vezes eu vejo que as pessoas ajudam por acaso as mulheres para apanhar mais ondas. Porque sabem que elas estão mais paradas ou que não conseguem apanhar tantas ondas, portanto, muitas vezes até vejo a facilitar. (Carlos, 27 anos, Profissional)

Em geral as mulheres têm uma vantagem, mesmo que os homens sejam agressivos e maus, quando vêm uma gaja boa, são mais permissivos, cavalheiros. Tipo aquele gajo que se chegam as 50 ondas não vai deixar nem meia para os outros, talvez deixa 2 para uma gaja, talvez para engatar. Ou ser mais cavalheiro. (Paolo, 44 anos, Experiente)

É importante voltar a referir que este tipo de discriminação é dependente do nível de surf e da performance que cada surfista consegue demonstrar aos restantes. Uma mulher até pode ser discriminada quando entra na água, mas se ao surfar demonstrar aos restantes surfistas um nível superior, rapidamente será respeitada e mudará a dinâmica do pico. No entanto, mesmo em nível de competição, as mulheres continuam a ter muito menos relevância e a ser consideradas incapazes de chegar ao nível de um homem.

Até ao ano passado, um par de anos, é verdade que as mulheres eram muito discriminadas, o nível era muito mais baixo, nas competições deixavam sempre a parte das mulheres com ondas muito piores, quando eram mais pequenas, quando as condições não eram boas. Tipo, este pico onde é a competição funciona melhor de maré vazia, então as mulheres competem em maré alta e os homens em maré vazia. (Paolo, 44 anos, Experiente)

A imagem da mulher surfista é muitas vezes associada ao aspeto físico, enquanto o homem surfista é associado ao seu desempenho. Nas revistas, nos anúncios, nas fotografias partilhadas, a representação da mulher é sempre feita através dos padrões de beleza tradicionais, dando sempre destaque ao corpo. Enquanto nos homens, existe uma maior diversidade de surfistas, e o destaque é nas manobras que fazem, ou no tamanho das ondas que apanham, ou nos títulos que conquistam. Esta realidade está a mudar com o aumento de mulheres no desporto. No entanto, estas desigualdades ainda são muito relevantes.

A expressão “gaja boa”, usada pelo Paolo quando descreve a situação onde os homens deixam as mulheres apanhar ondas, é um exemplo da objetificação e sexualização das mulheres, interpretado por estes surfistas homens, como uma vantagem. Em nenhum outro momento das entrevistas, foi alguma vez mencionado o aspeto do corpo de um homem surfista como um aspeto relevante neste contexto e discussão.

O estereotipo é o surfista macho musculado, super crazy que se põe nas ondas e surfa, e as mulheres são as gajas boas que esperam na praia que o surfista regressse. (Paolo, 44 anos, Experiente)

A presença das mulheres no desporto, na competição e em espaços de surf no geral, pode ser considerada uma técnica de fechamento por usurpação, sendo que desafia as normas e a estrutura existentes.

- Falta de Conhecimento sobre as Normas de Segurança e as Regras Informais

As regras de prioridade têm também um objetivo relacionado com a segurança. Regras como “nunca largar a prancha”, “olhar sempre à volta”, “comunicar” são regras gerais e são importantes para que ninguém se magoe. Geralmente são ensinadas nas escolas de surf, mas nem sempre acontece. Os surfistas mais experientes queixam-se da falta de informação e de conhecimento, sendo que qualquer um pode alugar ou comprar uma prancha sem conhecimento das regras, qualquer um pode pôr em risco a sua vida, e dos restantes surfistas.

Em picos muito sobrelotados com uma mistura entre escolas de surf e surfistas independentes de diversos níveis, são comuns as “pranchas a voar” e os acidentes.

No cantinho eu, eu digo-te, fico com um stress porque eu tenho mesmo medo. Tenho muito mais medo das outras pessoas do que do mar. Simplesmente não percebo o que eles fazem não é lógico para mim, não é nada lógico, não seguem nenhuma regra, cada um faz o que quer. (Ingrid, 41 anos, Experiente)

Eu já fui parar 2 vezes ao hospital com uma prancha e muitas pessoas se calhar te vão dizer o mesmo. Eu acho que uma prancha pode chegar ao extremo de matar. Ou te levar a uma lesão bastante grave. Alguma coisa mesmo séria, cegar-te. Arrancar-te um dedo. Arrancar-te os dentes todos da boca. (Pedro, 33 anos, Experiente)

4.4. Reações dos Surfistas mais Vulneráveis à Hierarquia e à Violência

Podemos distinguir principalmente dois tipos de reação, a primeira é de aceitação da estrutura. Estes surfistas acabam por se conter durante a prática do desporto, deixam sempre os outros apanhar todas as ondas, não respondem quando alguém tenta entrar em conflito com eles. Muitas vezes perdem até o gosto pelo desporto, passando a surfar cada vez menos.

I'm really conscious of not dropping in on people, so I probably hinder my surfing by not going for some waves. (Olivia, 29 anos, Intermédia)

Actually I think I couldn't stand him anymore so I just left. (Anne, 30 anos, Intermédia)

I don't surf at Lagide because I don't want to hang around people that are going to be aggressive. (James, 34 anos, Experiente)

Outros surfistas, quando se deparam com a hierarquia sentem-se injustiçados e resistem, demonstrando também agressividade.

Eu sou agressivo, quando me dizem algo ou fazem algo contra mim eu não me calo, começo a dizer palavrões, ou tipo “vou te matar, vou te partir a cara toda.” Eles estão habituados aos estrangeiros que surfam cá, que em geral são alemães, suíços, suecos, austríacos, pessoas muito bem comportadas, não habituadas à agressividade latina, então quando sofrem agressividade verbal, a reação é virar-se e ir embora, ou ficar assustado e ir embora. Quando se responde aos portugueses ainda mais forte, ficam surpreendidos e deixam-te em paz. (Paolo, 44 anos, Experiente)

Depois de ter andado à porrada mais ou menos com toda a aldeia, começaram a respeitar-me, e ao fim ao cabo deixavam-me surfar, aceitaram-me. (relativamente a Marrocos) *Eu acho que aqui também foi assim, mas aqui são cobardes, quando estão em grupo são agressivos, mas são muito medrosos, quando mostras que não tens medo e tornas-te agressivo, os portugueses fogem, não têm colhões, não vão até à porrada.* (Paolo, 44 anos, Experiente)

O uso da agressividade e da violência como uma defesa, e uma resposta a ataques recorrentes, é uma forma de resistência à hierarquia. Estes são exemplos de técnicas de

fechamento por usurpação, usadas pelos surfistas mais vulneráveis, contra a estrutura limitante que os restringe da sua liberdade, e ameaça a sua segurança física.

Outro exemplo é a demonstração de técnica e performance com o objetivo de impressionar os surfistas dominantes, e assim ser aceite. Ou o simples facto de continuar a surfar, sendo parte de um grupo discriminado, é resistência pela presença, e pode ser também considerada uma técnica de fechamento por usurpação.

4.5. Paradoxo entre Liberdade e Normas

Tem sido feita uma análise das regras. Sendo o surf o desporto da liberdade, existe um conflito entre estas duas características. Durante as entrevistas foi questionado aos surfistas se haveria uma possível solução para estes conflitos e violência. Esta pergunta levou os entrevistados a depararem-se precisamente com este paradoxo.

*at some point, when the lineup is so overly full and there is lifeguards there (...)
at a certain point they should just not allow more people to go into the lineup but
at the same time, I don't know if it is really realistic. (Anne, 30 anos, Intermédia)*

Esta é uma sugestão dada para controlar a sobrepopulação nos picos, é uma ideia que vai contra todos os princípios do surf associados à liberdade, criando uma imposição, um limite, controlado por uma entidade reguladora, que seria neste caso, os nadadores-salvadores.

Várias pessoas sugeriram também a introdução das regras de etiqueta e de segurança, em cartazes na praia, esta seria uma forma de pôr em escrito, e formalizar as regras que já são conhecidas e universais, que pelo menos nesta zona, são apenas ensinadas de boca em boca, ou aprendidas na internet ou nas escolas de surf. Esta prática já é aplicada em algumas praias, por exemplo em França.

You could easily have the rules of surfing on a sign at the beaches. (Anne, 30 anos, Intermédia)

Esta citação do diário de campo, de uma conversa informal com um surfista que já surfou em vários países, demonstra como é possível que as regras de segurança sejam interiorizadas, e usadas de forma respeitosa e justa para todos:

Numa conversa sobre o respeito pelas regras de prioridade, um surfista que já surfou pelo mundo todo, contou que ficou admirado na Austrália, porque as regras de etiqueta eram cumpridas estritamente, por exemplo:

Cada surfista apanha a sua onda, nada até ao pico de novo, espera na “fila” até apanhar a próxima, e quando o surfista que está em primeiro lugar da fila, vê que não quer apanhar a próxima onda, e prefere esperar por outra, levanta os braços para demonstrar ao segundo surfista, que ele pode tomar o lugar dele.

Este é um exemplo de organização e respeito extraordinário, onde foram criados até códigos para uma melhor organização e comunicação, dando oportunidade a todos de surfar.

Uma outra possibilidade, que desta vez inclui normas legais:

Deveria ser mais regulamentado o espaço. Imagina, não deveria ser um mercado aberto. Um cálculo de: esta praia tem x metros, não pode ter mais que 5 escolas de surf. Se queres sozinho ir ao mar, o mar é livre, mas as escolas de surf no verão, cada escola com 200 pessoas, todos uns por cima dos outros, 1 é perigoso, 2 não tem espaço para todos. Em Marrocos tivemos o mesmo problema. Em 4 km de praia, estavam 15 escolas de surf legais, mais não sei quantas ilegais, não havia espaço para todos, as pessoas matavam-se umas em cima das outras, havia luta entre escolas. Devia ser mais regulado. Haver um rácio, uma escola não pode ter mais de x pessoas, cada x pessoas têm de ter um instrutor. Já aí mudam as coisas, tipo não pode haver um instrutor com 30 alunos, não há controlo, e não há verdadeiro serviço, não estão a aprender nada, é simplesmente exploração selvagem do turismo. O rácio em Marrocos era um instrutor por 4 pessoas. Eram as regras do surf em França. (Paolo, 44 anos, Experiente)

As escolas de surf foram várias vezes consideradas como um crescente problema, sendo que para além de trazerem sobrepopulação a certos picos, facilitaram a aprendizagem do desporto, que anteriormente, era muito mais difícil, aumentando assim o número de pessoas que praticam o desporto. O facto de não existirem limites legais para o número de alunos por aula, ou o número de alunos por instrutor, causa situações de desordem muito grandes, que aumentam a frustração generalizada durante a prática do desporto.

Esta relação entre as regras e a liberdade caracteriza a cultura do surf, e está constantemente a ser negociada, de acordo com o contexto, e com todas as mudanças no surf nas últimas décadas. Já vários modelos foram testados em outros países, como a obrigatoriedade de registar as pranchas ou o controlo do número de escolas de surf. No entanto, o aumento das regras e do controlo afastam-se daquilo que é, ou era a essência do surf. As normas podem tornar-se instrumentos de opressão, usadas para categorizar as pessoas, e criar um grupo de excluídos. É extremamente complexo criar regras que não hierarquizem os sujeitos, tendo em conta a diversidade de categorias que existem, e o facto de ser um contexto em constante mudança.

Simultaneamente, o facto de estas regras serem informais, é precisamente o que dá força e legitimidade àqueles no topo da hierarquia, mantendo assim o seu poder simbólico. Com a formalização de regras, é criada uma grande tensão e a própria cultura é ameaçada.

Um outro paradoxo que surge em paralelo, é a tensão entre um desporto tranquilo, de liberdade, de conexão com a natureza, e um desporto violento.

I usually describe surfers as kind of a juxtaposition. They're really chill people, they love to travel, and they're usually quite nice and friendly. They like to party, for sure, usually I've found. But also, then in the water, they are really aggressive, especially shortboarders, because it's actually a really hectic environment. You're getting held under, you're getting pinned. Even doing all those cutbacks on big waves is really quite an aggressive sport. So I'm not surprised there's also aggression within there. So it's kind of like a yin and yang, you know? They're both peaceful out of it, but they're quite aggressive in it. (Olivia, 29 anos, Intermédia)

O estereótipo que envolve o surf e o perfil do surfista foi comercializado e usado como uma estratégia de marketing, e leva a que a ideia do senso comum do que é o surf, e aquilo que é na realidade, sejam muito distintas. O surf, na prática, tem várias características dos estereótipos, mas engloba também uma complexa estrutura de poder, repleta de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta pesquisa foi a compreensão profunda das dinâmicas de dominação e violência no surf, e os motivos que as sustentam, dada a preocupante regularidade de casos de agressões físicas e verbais. A investigação permitiu concluir que estas dinâmicas são extremamente complexas, e vão muito para além de episódios de agressões dentro de água.

O modelo teórico anteriormente desenvolvido demonstrou-se extremamente útil na análise destas dinâmicas. A ligação dos conceitos e ideias dos três autores, Foucault, Bourdieu e Parkin, aplicados ao universo do surf e a este contexto específico, permitiram uma compreensão profunda destes fenómenos extremamente complexos, e em constante mudança. Através de Parkin foi possível identificar as estratégias de exclusão que têm o objetivo de monopolizar o recurso limitado e as de resistência usadas pelos surfistas vulneráveis, lutando contra a estrutura limitante. Com Bourdieu interpretou-se a forma como os surfistas mobilizam os capitais, para acumularem poder simbólico, e se moverem na hierarquia. E por fim, tudo isto analisado dentro da perspetiva de Foucault sobre as relações de poder, permitiu compreender como os poderes repressivo e produtivo atuam em conjunto, e se traduzem em formas de controlo sobre o outro, através da repressão direta e violenta, ou de práticas mais subtis de vigilância, disciplinamento e controlo.

Concluiu-se que estes casos têm diversas causas, como o excesso de pessoas na água, o localismo, a violência de género, e a falta de conhecimento sobre as normas de segurança e as regras informais. O conjunto destes fatores e das mudanças no universo do surf, que levaram ao aumento de praticantes, e a uma transformação na cultura, explicam a frequência destes atos, considerando também a importância do contexto e da história do surf.

A violência tem diversas, complexas causas, e múltiplas manifestações. A violência a que se assiste hoje no surf não é apenas resultado de um conjunto de fenómenos isolados ou de um acumular desses fenómenos, é uma expressão da estruturação do campo do surf como modalidade e cultura, com hierarquias e regras informais próprias, dentro de um contexto de transformações macro, que colocam em causa a ordem anterior.

Neste contexto é possível identificar grandes tendências estruturais que decorrem do neoliberalismo, tais como o turismo de massas e a comercialização de todas as esferas da

vida social, incluindo aquilo que é ligado à espiritualidade e à experiência. Tudo é transformado num produto comercial, e criou-se uma dependência do mercado, por exemplo através das escolas de surf. Uma cultura que era caracterizada por se opor à vida tradicional e ao consumismo, acaba paradoxalmente por seguir estas tendências capitalistas.

Dado este contexto de rápida transformação, e de uma cultura em risco, a resposta daqueles que se sentem ameaçados, é o fechamento, muitas vezes através da violência, da hierarquização, e da exclusão. Estas práticas de exclusão que envolvem violência, manifestam disputas por espaço, prestígio, e poder simbólico.

Numa perspetiva progressista, procura-se uma sociedade mais inclusiva, baseada na liberdade e no respeito pelos outros, algo que sempre foi central na cultura do surf, mas entra em conflito com estes atos de violência e controlo sobre o outro.

Com base na perspetiva de Giddens (1990) sobre a modernidade reflexiva, a sociedade é caracterizada por rápidas e sucessivas transformações e são constantemente criados riscos e incertezas. No surf podemos considerar estas transformações, a passagem de uma contracultura, e uma prática alternativa, para uma atividade cada vez mais integrada no mercado de turismo e consumo. A globalização é central nesta análise, e reflete-se no surf através da mudança de espaços locais, com tradições culturais, para destinos turísticos globais.

A reflexividade do sujeito permite-o, ao conhecer novas informações, provocar uma mudança alterando as suas práticas. O processo de reflexão sobre as nossas práticas pode produzir mudanças significativas, criando contextos mais inclusivos. Esta reflexão é essencial em todas as partes, por um lado àqueles que praticam violência e excluem os outros, no sentido de procurar outras soluções para expressar a frustração de uma cultura em mudança, e de um espaço cada vez mais sobrelotado, procurando criar um sistema mais justo e menos violento para todos. Simultaneamente, os turistas e estrangeiros têm o dever de refletir sobre os impactos do turismo em massa e da gentrificação, e de que forma podem minimizar as consequências dos seus atos e do seu estilo de vida. A reflexividade de todas as partes, pode produzir mudanças e construir uma cultura inclusiva e que proteja o meio do qual depende, a natureza.

Esta investigação pretende dar visibilidade a estas dinâmicas, e abre caminho para futuras pesquisas sobre violência no surf, podendo aprofundar por exemplo o tema das

desigualdades de género, sendo que ano após ano são observáveis grandes mudanças, e estas transformações também contribuem para um contexto mais inclusivo.

Os riscos associados à comercialização generalizada e ao turismo de massas, estão a transformar a cultura do surf, e também produzem consequências práticas e significativas nas comunidades locais, relevantes para aprofundar em investigações futuras. Destaca-se que a procura incessante do aumento do lucro passou do querer vender só pranchas e fatos, à tentativa de venda de uma sensação, de um estilo de vida, que se traduz numa obsessão com a estética e a performatividade. Estes processos enfraquecem os laços comunitários tão característicos desta cultura, e reforçam desigualdades que já conhecemos de todas as esferas da sociedade.

Por fim, destaca-se que uma das características mais enriquecedoras desta pesquisa, foi a sua dimensão etnográfica, que permitiu recolher dados empíricos, e simultaneamente observar estas dinâmicas em ação. A forma como os dados recolhidos com os diferentes métodos se relacionam, permite entender a complexidade das relações humanas, analisando simultaneamente o discurso, e a ação.

BIBLIOGRAFIA

- Anderson, J. (2022). *Surfing spaces*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315725673>
- Bandeira, M. (2014). Territorial disputes, identity conflicts, and violence in surfing. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 11(1), 198–232. <https://doi.org/10.1590/S1809-43412014000100008>
- Barbalet, J. M. (1982). Social closure in class analysis: A critique of Parkin. *Sociology*, 16(4), 484–497. <https://doi.org/10.1177/0038038582016004001>
- Bardin, L. (2022). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Beaud, S., & Weber, F. (2007). *Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos*. Editora Vozes.
- Beaumont, E., & Brown, D. (2014). It's not something I'm proud of but it's ... just how I feel: Local surfer perspectives of localism. *Leisure Studies*. <https://doi.org/10.1080/02614367.2014.962586>
- Berger, R. (2013). Now I see it, now I don't: Researcher's position and reflexivity in qualitative research. *Qualitative Research*, 15(2), 219–234. <https://doi.org/10.1177/146879411246847>
- Booth, D. (1995). Ambiguities in pleasure and discipline: The development of competitive surfing. *Journal of Sport History*, 22(3), 189–206.
- Borne, G. (2018). *Surfing and sustainability*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315719276>
- Bourdieu, P. (1986). The forms of capital. In J. G. Richardson (Ed.), *Handbook of theory and research for the sociology of education* (pp. 241–258). Greenwood Press.
- Bourdieu, P. (2010 [1979]). *A distinção: Crítica social do julgamento*. Edições 70.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Difel
- Bryman, A., & Bell, E. (2019). *Social research methods* (5^a ed.). Oxford University Press Canada.

- Clapham, D., Lamont, L. S., Shim, M., Lateef, S., & Armitano, C. N. (2019). Effectiveness of surf therapy for children with disabilities. *Disability and Health Journal*, 13(1). <https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2019.100828>
- Cook, P. (2024). Localism and attitude, 'it's all good': A surf tourist's story analysis of simultaneous contradictory prosocial and anti-social interactions at an off-limits place. *Journal of Sport & Tourism*, 28(3), 87–103. <https://doi.org/10.1080/14775085.2024.2343660>
- Daskalos, C. T. (2007). Locals only! The impact of modernity on a local surfing context. *Sociological Perspectives*, 50(1), 155–173. <https://doi.org/10.1525/sop.2007.50.1.155>
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (Eds.). (2017). *The SAGE handbook of qualitative research* (5^a ed.). SAGE.
- Emmel, N. (2013). *Sampling and choosing cases in qualitative research: A realist approach*. SAGE.
- Fendt, L. S., & Wilson, E. (2012). "I just push through the barriers because I live for surfing": How women negotiate their constraints to surf tourism. *Annals of Leisure Research*, 15(1). <https://doi.org/10.1080/11745398.2012.670960>
- Flick, U. (2014). *An introduction to qualitative research* (5^a ed.). SAGE.
- Ford, N. J., & Brown, D. (2006). *Surfing and social theory: Experience, embodiment and narrative of the dream glide*. Routledge.
- Foucault, M. (1982). The subject and power. *Critical Inquiry*, 8(4), 777–795. <https://doi.org/10.1086/448181>
- Foucault, M., & Rabinow, P. (Eds.). (1984). *The Foucault reader: An introduction to Foucault's thought*. Pantheon Books.
- Giddens, A. (1991[1990]). *As consequências da modernidade*. Editora UNESP.
- Hammersley, M., & Atkinson, P. (2007). *Ethnography: Principles in practice* (3^a ed.). Routledge.
- Heywood, L. (2008). *Third-wave feminism, the global economy, and women's surfing: Sport as stealth feminism in girls' surf culture* (1^a ed.). Routledge.
- Hough-Snee, D. Z., & Sotelo Eastman, A. (Eds.). (2017). *The critical surf studies reader*. Duke University Press.

- Ishiwata, E. (2002). Local motions: Surfing and the politics of wave sliding. *Cultural Values*, 6(3), 257–272. <https://doi.org/10.1080/1362517022000007202>
- Laderman, S. (2014). *Empire in waves: A political history of surfing*. University of California Press.
- Lawler, K. (2011). *The American surfer: Radical culture and capitalism*. Routledge.
- Lisahunter. (Ed.). (2018). *Surfing, sex, genders and sexualities*. Routledge.
- Matos, M. G., Santos, A. C., Fauvelet, C., Marta, F., Evangelista, E. S., Ferreira, J., Moita, M., Conibear, T., & Mattila, M. (2017). Surfing for social integration: Mental health and well-being promotion through surf therapy among institutionalized young people. *Journal of Community Medicine and Public Health Care*. <https://doi.org/10.24966/CMPH-1978/100026>
- Murphy, R. (1986). The concept of class in closure theory: Learning from rather than falling into the problems encountered by neo-Marxism. *Sociology*, 20(2), 207–222. <https://doi.org/10.1177/0038038586020002006>
- Murphy, R. (1986). Weberian Closure Theory: A Contribution to the Ongoing Assessment. *The British Journal of Sociology*, 37(1), 21 – 41. <https://doi.org/10.2307/591049>
- Oksala, J. (2012). Post- Structuralism: Michel Foucault. In L. Sebastian & O. Soren (Ed.), *The Routledge Companion to Phenomenology*. Routledge.
- Olive, R. (2019). The trouble with newcomers: Women, localism and the politics of surfing. *Journal of Australian Studies*, 43(1), 39–54. <https://doi.org/10.1080/14443058.2019.1574861>
- Olive, R., Roy, G., & Wheaton, B. (2018). Stories of surfing: Surfing, space and subjectivity / intersectionality. In L. Hunter (Ed.), *Surfing, sex, genders and sexualities* (1st ed.). Routledge.
- Parkin, F. (Ed.). (1974). *The social analysis of class structure*. Routledge.
- Parkin, F. (1979). *Marxism and class theory: A bourgeois critique*. Tavistock Publications.
- Power, M. (2011). Foucault and sociology. *Annual Review of Sociology*, 37, 36–56. <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-081309-150133>

- Rebelo, C., & Carvalhinho, L. A. (2012). Turismo de surf: Perceção das potencialidades de Peniche como destino de surf. <https://doi.org/10.13140/2.1.3215.3607>
- Susen, S. & Turner, B. S. (Ed.). (2011) *The Legacy of Pierre Bourdieu*. Anthem Press.
- Stranger, M. (2011). *Surfing life: Surface, substructure and the commodification of the sub-lime*. Routledge.
- Towner, N., & Lemarié, J. (2020). Localism at New Zealand surfing destinations: Durkheim and the social structure of communities. *Journal of Sport & Tourism*, 24(2), 93–110. <https://doi.org/10.1080/14775085.2020.1777186>
- Uekusa, S. (2018). Surfing with Bourdieu! A Qualitative Analysis of the Fluid Power Relations among Surfers in the Line-Ups. *Journal of Contemporary Ethnography*, 48(4), 538–562, <https://doi.org/10.1177/0891241618802879>.
- Usher, L. E., & Kerstetter, D. (2015). Re-defining localism: An ethnography of human territoriality in the surf. *International Journal of Tourism Anthropology*, 4(3), 286–302.
- Waitt, G. (2008). ‘Killing waves’: Surfing, space and gender. *Social & Cultural Geography*, 9(1), 75–94.
- Walker, I. H. (2011). *Waves of resistance: Surfing and history in twentieth-century Hawai‘i*. University of Hawai‘i Press.
- Warshaw, M. (2010). *The history of surfing*. Chronicle Books.
- Westwick, P., & Neushul, P. (2013). *The world in the curl: An unconventional history of surfing*. Crown.
- Wheaton, B. (2013). *The cultural politics of lifestyle sports*. Routledge.
- Vandenberghe, F. (2002). “The Real in Relational”: An Epistemological Analysis of Pierre Bourdieu’s Generative Structuralism. *Sociological Theory*, 17(1), 32 – 67. <https://doi.org/10.1177/073527519901700103>

ANEXOS

Anexo A- Guião de Entrevistas Curtas

Objetivo- captar o significado do surf na vida dos surfistas, para além das características sociodemográficas dos mesmos.

O surf é muitas vezes associado a boas energias, relaxamento, conexão com a natureza, liberdade. Os surfistas vão reproduzir esse discurso?

Entrevistas curtas a surfistas jovens e adultos. Não necessariamente experientes.

Guião:

<p>1. Apresentação:</p> <ul style="list-style-type: none">-Nome-Idade-Género-Nacionalidade-Onde reside-O que o traz ao Baleal?
<p>2. Contexto e relação com o surf:</p> <ul style="list-style-type: none">-Há quanto tempo faz surf?-Faz surf como hobby ou profissão (instrutor de surf ou outros)?-Qual o seu nível de desempenho no desporto? Já é experiente? Já participou em competições?-O que o/a motivou a começar?-Em que países já fez surf?-Em que zonas de Portugal já fez surf?-Com que frequência faz surf?
<p>3. Significado e impacto do surf na sua vida:</p> <ul style="list-style-type: none">-O que é o surf para si?-O que é que o surf significa na sua vida?-Vê o surf como um desporto ou um estilo de vida?-Identifica-se com a cultura do surf?

Anexo B- Guião de Entrevistas Longas

<p>1. Apresentação:</p> <ul style="list-style-type: none">-Nome-Idade-Género-Naturalidade-Onde reside-Em que países já residiu-Nível de educação-Emprego
<p>2. Contexto e relação com o surf:</p> <ul style="list-style-type: none">-Para além do surf, quais são outros desportos que já praticou e ainda pratica?-Há quanto tempo faz surf?-Porque é que faz surf?-O que o/a motivou a começar?-Já trabalhou/ trabalha com surf?-Em que países já fez surf?-Em que zonas de Portugal já fez surf?-Com que frequência faz surf?-Como descreveria a cultura do surf?
<p>3. Baleal:</p> <ul style="list-style-type: none">-Costuma surfar na Prainha, Cantinho, Lagide, Supertubos?-Qual é o seu spot favorito?-Como descreveria o Cantinho e a Prainha?-Prefere ir sozinho ou acompanhado?-Tem um grupo habitual de amigos para surfar?-Quais são os sítios que mais frequenta?-Fale-me da sua experiência quotidiana no Baleal.-Para além do surf que outras ocupações tem?
<p>4. Violência no surf:</p> <ul style="list-style-type: none">-No geral, considera o surf um desporto competitivo? Como descreve a competição no surf?-Considera que existe uma hierarquia definida no mar? Porquê? É necessária?

- Quais são as regras de surf mais importantes para si?
- Já assistiu a algum episódio de discriminação enquanto praticava o desporto? (E no Baleal?)
- Já teve alguma experiência pessoal com situações de conflito e violência? Quais foram? (E no Baleal?)
- Este tipo de situações aconteceu mais que uma vez? É frequente?
- Para além do Baleal, esta discriminação é comum em outras praias? Também noutros países?
- Qual acha que é a motivação por trás deste conflito/violência/discriminação?
- Já entrou em algum confronto físico por causa de alguma discussão que começou no mar?
- Já ouviu algum relato de acontecimentos deste género?
- Considera que este tipo de agressão é comum no Baleal? E no desporto em geral?
- Que motivos levam a este tipo de confronto?
- Os locais deveriam ter mais direitos que os restantes?
- Consegue imaginar alguma solução para estes problemas?
- Existe uma contradição entre a visão que se tem do surf e a sua experiência concreta ou quotidiana do surf?
- O surf pode ser simultaneamente associado à liberdade e paz, e à ordem e violência?

5. Género:

- O que acha da crescente presença de mulheres no surf?
- Considera que existe desigualdade de género no surf?
- Se sim pode explicar a sua visão do assunto, em que situações vê esta desigualdade?
- Considera que as mulheres têm menos reconhecimento que os homens no surf?
- Esta realidade está a mudar?

5.1 Mulheres:

- Já se sentiu desvalorizada no desporto por ser mulher? Em que situações?
- Como lida com essa desigualdade?

6. Grupos Sociais:

- Os grupos dentro de água mantêm-se nos outros espaços sociais?
- Existe uma vontade geral dos não locais, de se tornarem locais/ aceites pelos locais?
- Que características são mais importantes num surfista para subir dentro da hierarquia?
- Como descreveria a sua relação com os restantes surfistas?

-Esta relação muda dentro e fora de água?
7. Turismo e Comercialização do surf: -O que pensa do aumento de praticantes do desporto? -Como lida com as multidões de surfistas? -O aumento do turismo de surf é benéfico? -O aumento de praticantes está a mudar a cultura do surf?

Anexo C- Conceitos Específicos

Lineup - linha onde as ondas estão a romper e os surfistas se posicionam lado a lado à procura da melhor posição para apanhar as ondas.

Drop-in (Dropinar) - ato de se por na onda quando outro surfista já estava nela e tinha prioridade. Pode ser intencional ou não. É perigoso e inicia muitos dos conflitos.

Beach-break - ondas rebentam em direção à areia. Bom para *beginners* (Cantinho e Praia)

Point-break - ondas rebentam em direção a um pedaço de terra ou pedras.

Reef-break - em corais.

Snaking (cutting of) - nadar à volta para roubar a prioridade.

Kook - mau surfista

Nose - nariz da prancha, parte da frente, ponta.

Offshore - vento que vem da costa/praias, em direção ao mar.

Onshore - vento que vem do mar em direção à costa.

Wipeout - cair na onda.

Ripper - rips the waves, bom surfista.

Goofy - pessoa que surfa com o pé direito à frente. O leash fica no pé esquerdo.

Leash - a corda de segurança que liga o surfista à prancha, para evitar perder a prancha em caso de queda. Tem vários comprimentos e diâmetros, para se adaptar a todos os tamanhos de pranchas.

Take-off - "descolagem" em inglês, manobra elementar que consiste em apanhar a onda e pôr-se de pé. É a etapa crucial para começar a surfar, acompanhar a onda e fazer curvas.

Zona de Impacto - o ponto onde a crista da onda "corta" a superfície da água como se fosse uma lâmina. Normalmente várias vezes seguidas. Uma zona que todos os surfistas temem e da qual se deve sair o mais depressa possível.

Anexo D- Diário de Campo

Caderno de Campo

- 2024/25

dissertação, mestrado sociologia

- > conversas informais
- > episódios, impressões,
reflexões, experiências
- > ideias

17/04/24



tema interessante, muita coisa para explorar "quando tenho de usar violência primeiro uso violência psicológica, digo que o mar está muito perigoso para ver se eles saem, se não saírem tenho de fazer mais pressão, mas nunca com socos, talvez empurrões."

"tenho um amigo meu que é mesmo violento, quando se chateiam espeta o bico da prancha dele na dos bees e a prancha dele fica bem e a dos bees fica com um buraco."

• duas pessoas para entrevistar mais a fonte.

-> também referiu coisas boas para além

do localismo:

-> eventos sociais

-> estabelecer novas relações

disse que era um tema tenso e há muitas histórias para contar.

Disse que quando era "puto" os mais velhos não o deixavam surfar no lagide.

Perguntou se nós também passaríamos por isso, dissemos que não, e ele disse que as miúdas seriam passas menos por isso. Mas "Os putos sofrem".

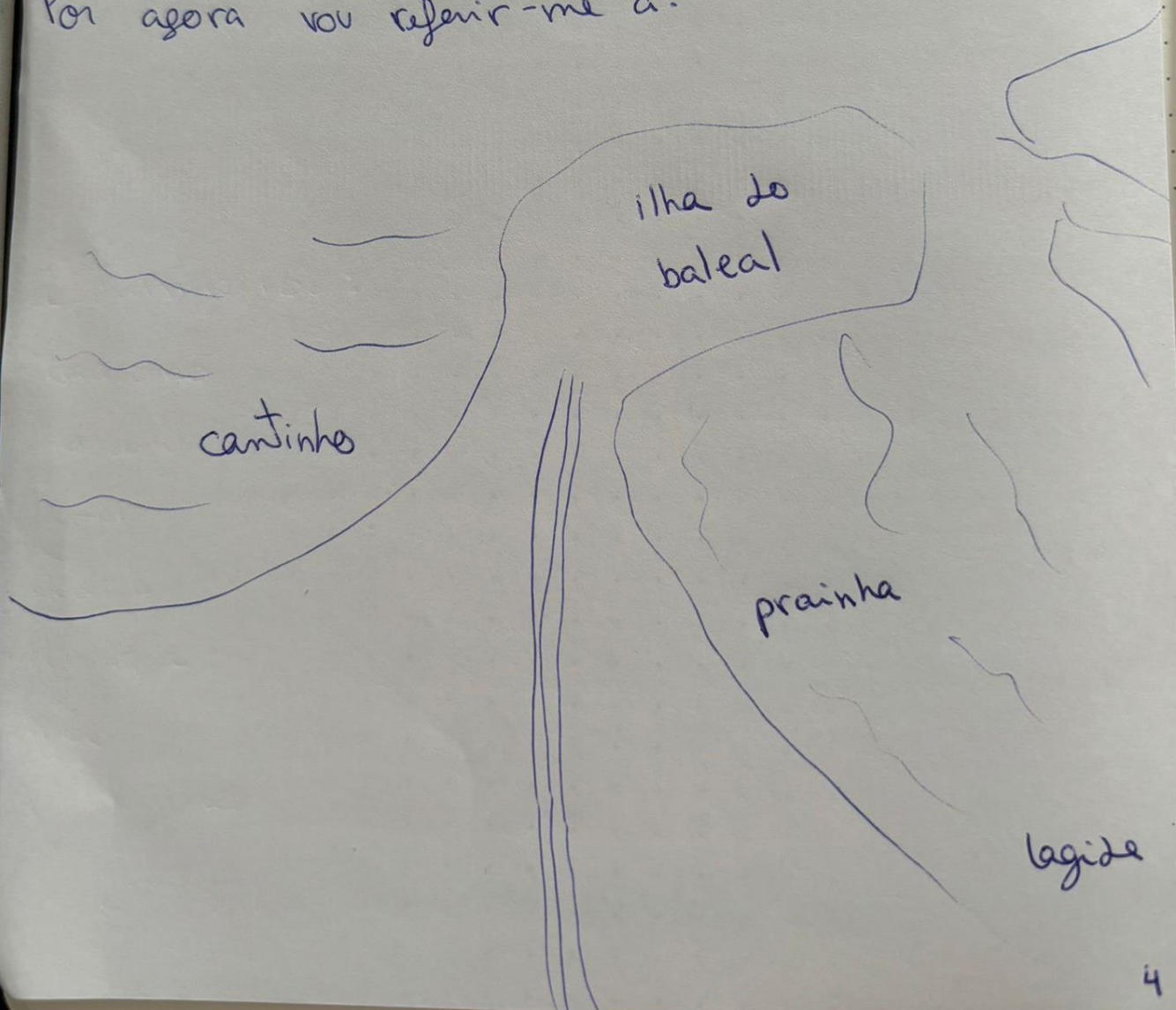
(No mesmo dia, mais tarde, um dos meus colegas de trabalho contou-me que uma vez (ano passado) o João foi violento com ele, fisicamente, na água.

Ideia

↳ entrevistar os senhores que estão sempre no estacionamento da prainha.

- perguntar ao Marcello como é que eles chamam a cada zona da praia.

Por agora vou referir-me a:

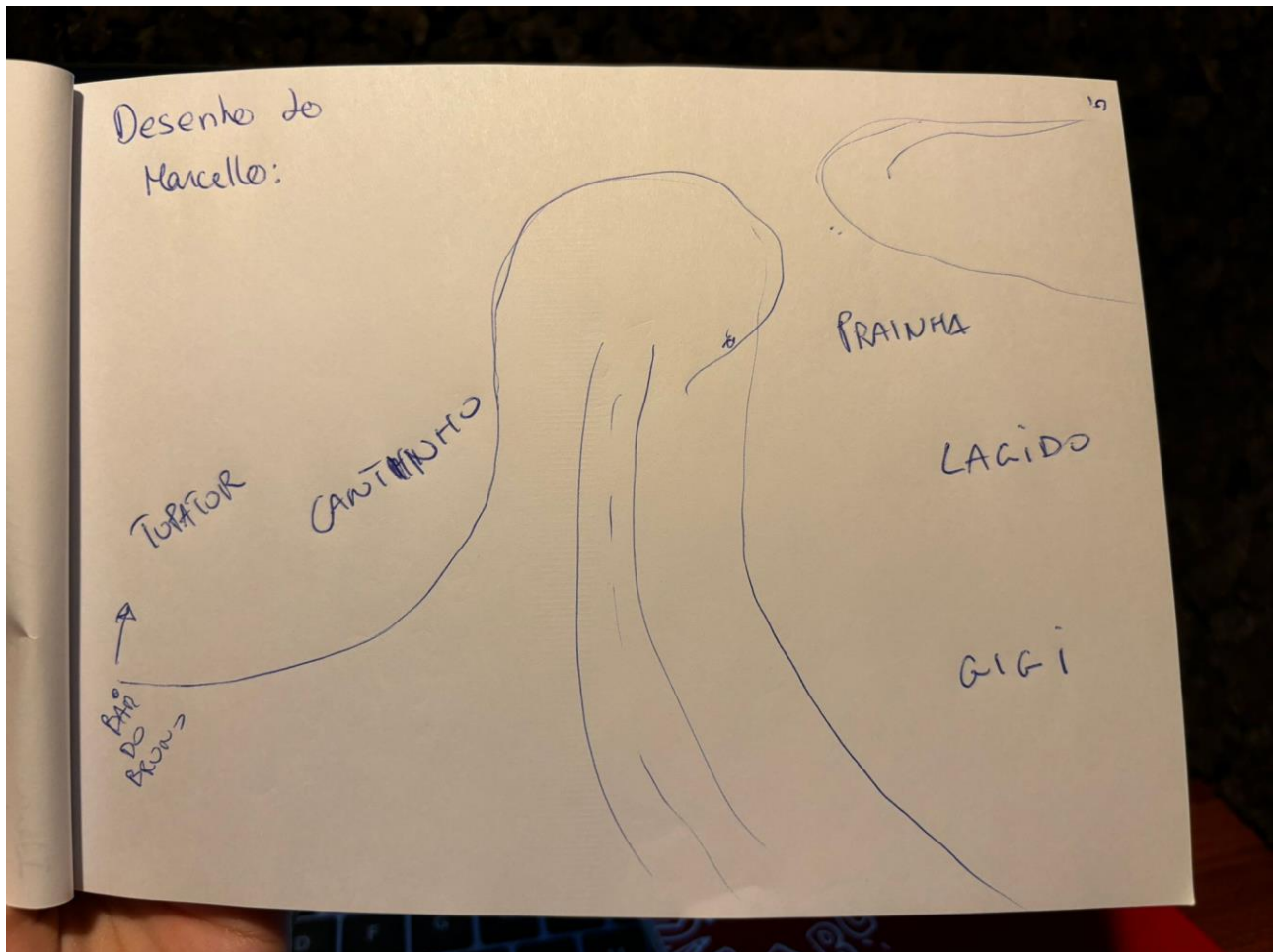


Lagide 18/04/2024 14:20



Cantinho 18/04/2024 14:30





Surfer map (flyer):



Há um site: beachcam.meo.pt com várias utilidades, a principal é poder ver em direto as câmaras espalhadas pelas praias de Portugal, desta forma os surfistas podem ver online as condições do mar antes de irem para a praia. No site também há notícias e outras informações. No outro dia reparei que tem também instruções sobre o “Surfers Code”, algumas das regras que tenho mencionado estão aqui”:

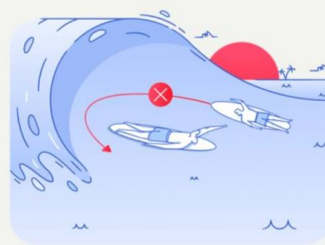
Surfers Code

Vais surfar? Minimiza os riscos e cumpre as regras. Boas ondas!



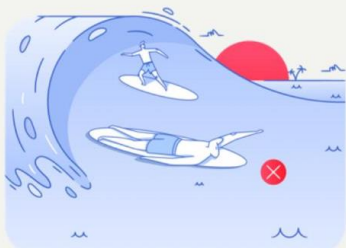
Não

Apanhar onda à frente



Não

Dar a volta ao pico



Prioridade

É de quem vem de trás



Prioridade

É de quem estiver mais dentro



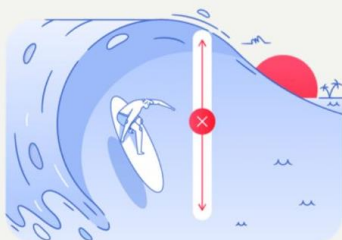
Passar a rebentação

Longe da zona de rebentação



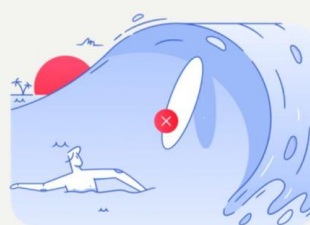
Passar a rebentação

Se estiveres na zona de rebentação, vai pela espuma



Segurança

Surfar ondas dentro das tuas capacidades



Segurança

Nunca largar a prancha



Comunicar

Direita Esquerda

Notas 03/05/2024:

Não fiz observação concretamente, mas fui surfar de manhã as 10, estive das 10:00 às 12:30 na água. Alguns pensamentos:

Estava mesmo muita gente na água, muitos principiantes que não sabiam bem como andar com a prancha na água, nem como passar pela rebentação então estavam muitas pranchas a voar, inclusive levei com duas pranchas na cabeça e uma rapariga foi para o hospital porque abriu a cabeça. O surf pode ser um desporto muito perigoso, e o perigo aumenta quando as pessoas são inexperientes e não sabem bem como gerir a prancha e as ondas e a confusão de pessoas.

A relação entre pessoas que estão em aulas de surf (grupos pequenos 2/3 pessoas, ou grupos muito grandes, mais ou menos 20 pessoas) com as pessoas que estão independentes, é complexa, pensar sobre isto, observar, perguntar.

Percebi a frustração dos surfistas mais experientes a lidar com os que cometem erros que podem traduzir-se em situações perigosas para ambos.

Há um grupo interessante a ter em consideração, crianças que com 7/8/9 anos já são praticamente profissionais, ontem havia um grupo de crianças muito experientes no surf, e eles estavam a ser muito pacientes com as pessoas que não estavam a saber respeitar a prioridades, ou seja, muitas vezes eles já estavam em pé na onda porque a apanhavam mais atrás, e quando chegavam mais à frente tinham de sair da onda de propósito porque havia muita gente que não sabia como se desviar. Observar, pensar na possibilidade de os entrevistar.

Aula sobre ondas

21/06/24



26/06

praia - 15:45 → 16:45 (observação)

sol depois de muitos dias de vento e mau tempo

poucas ondas e pequenas
muita gente.

Maioria principiantes, ficam muito tempo sem conseguir apanhar ondas, os mais avançados entram e apanham ondas à frente de toda a gente.

Sente-se a frustração das pessoas muitos olhares tensos quando está muita gente no mesmo line up.

acho que estou a entender melhor como funcionam os picos, e onde se tem de estar para conseguir apanhar a onda.

Prainha 26/06 15:25:



Conversas informais 27/06
ultimamente tenho ouvido alguns
surfistas mais experientes a falarem do
cantinho* como um sítio único, onde há
uma confusão entre kooks, pros, longboards,
shortboards, ... mesmo nos dias em
*e prainha / que as condições
estão péssimas, está cheio.

30/06
Fui surfar no meio da baía onde
não estava muita gente, no pico
onde eu estava eramos 10 surfistas,
eu era a única mulher. As interações
estavam tranquilas, respeitaram-se
uns aos outros.

// 01/07
Ouví um relato de discussão no
cantinho, entre locais e estrangeiros
mas não entendi os detalhes ao certo.

se as pessoas estão chateadas e a discutir. Se se houvesse mesmo um conflito físico. De fora de água parecia desorganizado mas não consigo dizer se as pessoas estavam a discutir.

Uma amiga minha entrou por volta das 18:00 e deu-me o feedback que realmente as pessoas estavam muito chateadas e impacientes, assim que entrou um português começou a reclamar com ela, e ^{com} os dois rapazes que estavam com ela (14, 15 anos) dizendo que estavam a entrar mal e que não podiam entrar por ali, que tinham de dar a volta mais por fora.

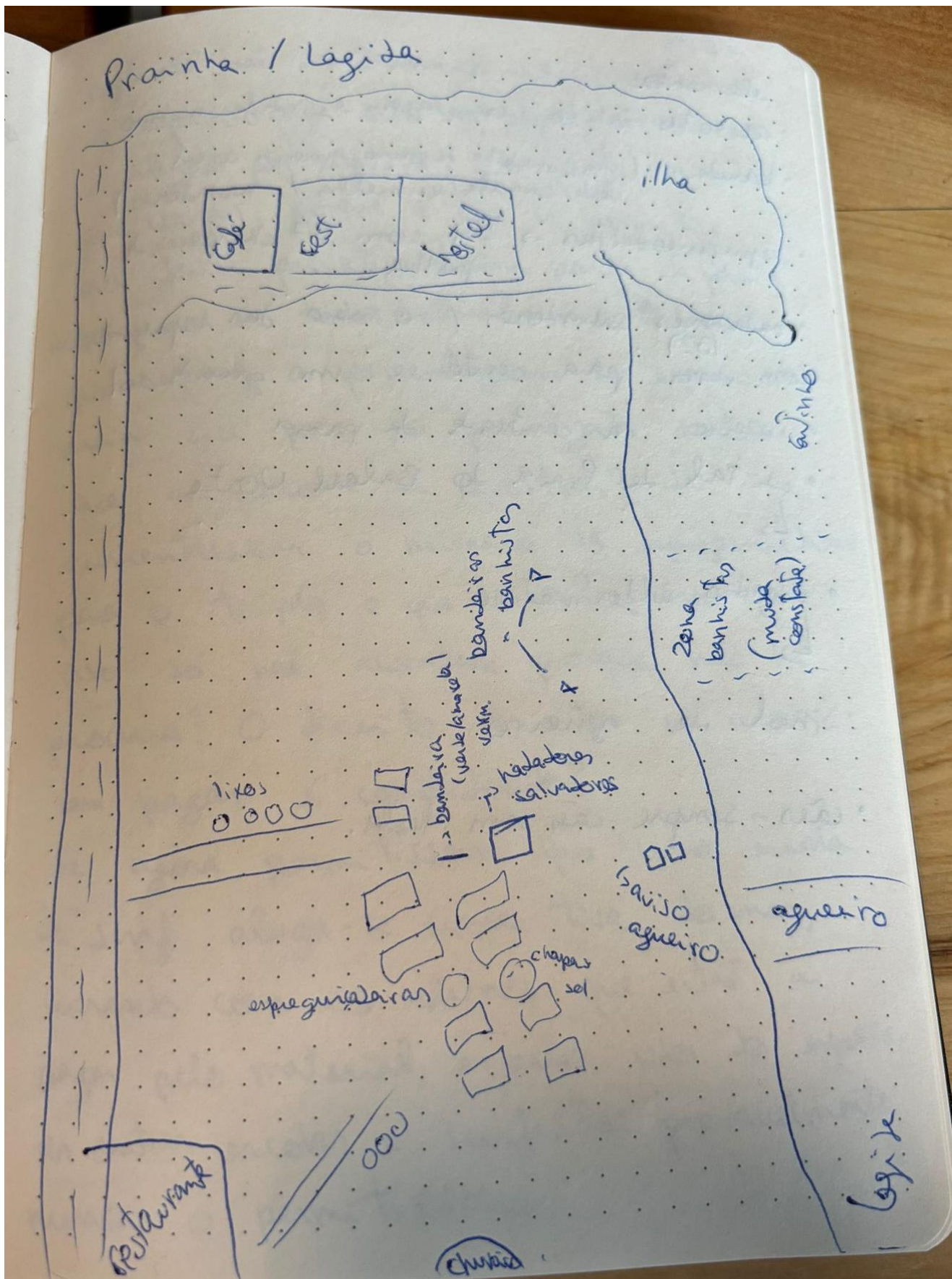
16:47 -> vi um salvamento, 2 nadadores salvadores tiraram 4 ^(não surfistas) pessoas que estavam num agueiro, à direita dos surfistas

08/07 -- lagide (lora)

cerca de 18 surfistas, todos minimamente experientes. Talvez 2/3 mais iniciantes. Mais uma vez por fora, parecia estar tudo pacífico. No entanto reparei que uma mulher de longboard estava a apanhar mais ondas que os outros, apanha, voltava ao pico, apanhava de novo, e assim sucessivamente. Depois o meu patrão saiu da água, e eu comentei que ela surfava bem, ele disse que ela não estava a dar oportunidade aos outros de apanharem ondas. No tipo de ondas que estava, ~~era~~ era muito mais fácil apanhá-las de longboard do que de short, o meu patrão acabou por sair da água e foi surfar para outra praia.

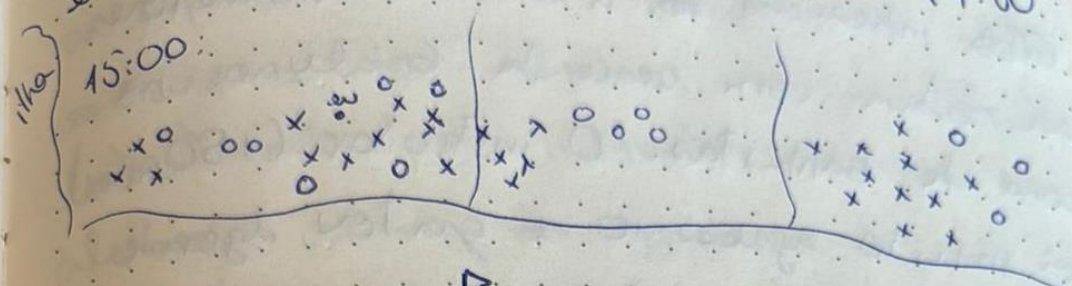
Em várias ondas 2/3 surfistas
tentavam apanhá-los ao mesmo
tempo e depois alguns têm que
ceder para ficar só um. De fora
da água estas cedências parecem
tranquilas porque não consigo analisar
expressões faciais nem comentários.
Dentro da água consigo analisar e
compreender muito melhor os
comportamentos.

Para a descrição detalhada:



09/07 → prainha (Lentrol)

estive na água das 15:00 às 17:00



poucas ondas e pequenas, maioritariamente principiantes. maioritariamente alunos de 3 escolas de surf.

tenho notado que as escolas de surf agem sempre como se tivessem alugado aquela faixa de mar, os alunos sentem-se protegidos por estarem com a escola, e os instrutores por vezes são condescendentes e até agressivos. Muitos são simpáticos e respeitosos, neste dia, não eram esses os presentes.

A certa altura os nadadores salvadores começaram a apitar e ~~dar~~ ~~indicar~~ indicações a um dos instrutores que estava com cerca de 6 alunos na zona de banhistas. O instrutor (+50 anos) foi muito agressivo e gritou dizendo que não estava entre as bandeiras (ele estava). Esta situação durou alguns minutos. A nadadora salvadora continuou a fazer sinal pedindo que ele se chegasse para a esquerda e ele sucessivamente gritava com ela, depois ignorava por breves momentos e voltava a gritar. Entretanto um homem que não estava vestido de n.s. também começou a gritar parecendo o instrutor mas não se ouvia o que dizia. Entretanto esse instrutor começou a reclamar com um grupo de 5 crianças que estavam também na zona.

de banhistas. Essas crianças tinham pranchas mas ainda não estavam a apanhar ondas nenhuma, ao contrário dos alunos desse instrutor. Entretanto o instrutor mandou os alunos sair da água e depois saiu também, quando saiu deu um aperto de mão a um dos nadadores salvadores e depois ~~ou~~ a outra também. Falaram mas não ouvi a conversa.

Da mesma escola de surf estavam mais dois instrutores com dois grupos de alunos.

A certa altura um dos instrutores estava sentado na prancha ao lado de uma aluna e uma rapariga ~~que~~ que estava na água a nadar, com a prancha ao lado, empurrou ligeiramente a prancha do instrutor.

10/07

ele não disse nada, mas
mais tarde disse-lhe,
"vais-me voltar a empurrar
a prancha?" com um tom

irónico. ela respondeu "empurrar para
não levar com a prancha na boca"
então ele pediu desculpa mas ela
não respondeu e saiu de água
chateada.

Depois as escolas saíram todas e
ficou um ambiente muito tranquilo.

//

10/07 → Gigi (dentro) 15:00 → 17:00

Estavam ondas pequenas e perfeitas, ~~perfeitas~~
fáceis. cerca de ~~1000~~ 15 surfistas
apenas 3 estavam numa aula de surf.
O ambiente estava bom, havia
comunicação, todos estavam a
apanhar ondas, alguns surfistas

festejavam as boas ondas dos outros,
estava uma ~~boa~~ bem ambiente.

A certa altura entram dois
homens (estrangeiros, muito musculados,
com uma postura séria). Eles
entraram e consecutivamente tiravam
a prioridade aos surfistas que lá
estavam antes. Muitas vezes roubavam
a prioridade e nem sequer conseguiam
apanhar a onda. Removiam até ao
line-up, apanhavam a onda, e assim
consecutivamente sem quererem
saber se já estavam outras pessoas
na onda. A maioria das pessoas
estava a abdicar da sua prioridade
e deixá-los surfar. A certa altura
eu ia apanhar uma onda e um
deles, mesmo vendo que eu estava
na onda e já não apanhava a
muito tempo, levantou-se

e eu não abdiquei da prioridade e
apantei a onda na mesma. Fomos
lado a lado na onda (o que podia
ser perigoso) e ele continuou a
fazer o mesmo. Os constantes
sufixos fizeram calmamente e alguns
viram-se da atitude deles.
Esta situação demonstrou que basta
1 ou 2 pessoas para estabilizar
a dinâmica tranquila e organizada.
Apesar de todos terem lidado com
calma, muitas ondas foram "coubates"
e sente-se sempre a frustração.

31/07/2024

Conversas informais

Enquanto estava a limpar a pizzaria
no fecho, apareceu um homem que
pediu para falar com o meu patrão,
tinham chocolate dentro de água.

e o senhor apareceu para dar
linheiro ao meu paião para o
anexo de sua plancha.

Entretanto eles começaram a
falar do localismo juntou-se mais
um rapaz à conversa.

"The fucking surf community should
do something about this. Its horrible"

Depois começaram a falar do lugar,
a contar como é um sítio dominado
por locais, e alguns deles vão com
os filhos, crianças e adolescentes,
e dão um péssimo exemplo aos
filhos. Contaram histórias em
que miúdos de 13/14 anos gritaram
com eles.

"It's all this fake vibe of aloha
chill. It's all bullshit"

Até miúdos de 7/8 anos os pais palmam-
nos em todas as onças.

02/08 Conversas informais
O meu patrão chegou à pizzaria e
contou um relato de um estrangeiro
que levou um soco na cara de um
local. Primeiro o meu patrão tinha o
aviso de que tinha de ter cuidado com
o que estava a fazer. Ao qual respondeu
que sabia o que estava a fazer.
Mas não desistiu de ir a um local e
ele deu-lhe um soco. Isto no contexto,
ele saiu da água depois de levar o soco
e ficou assim.

03/08 Conversas informais
Um amigo meu que faz surf, estrangeiro,
já vive no baleal há 10 anos.
Estava a falar de violência no surf,
e disse que há uns anos atrás lhe
dava soco sei o alvo. O conflito
era de certa forma travado para ele,

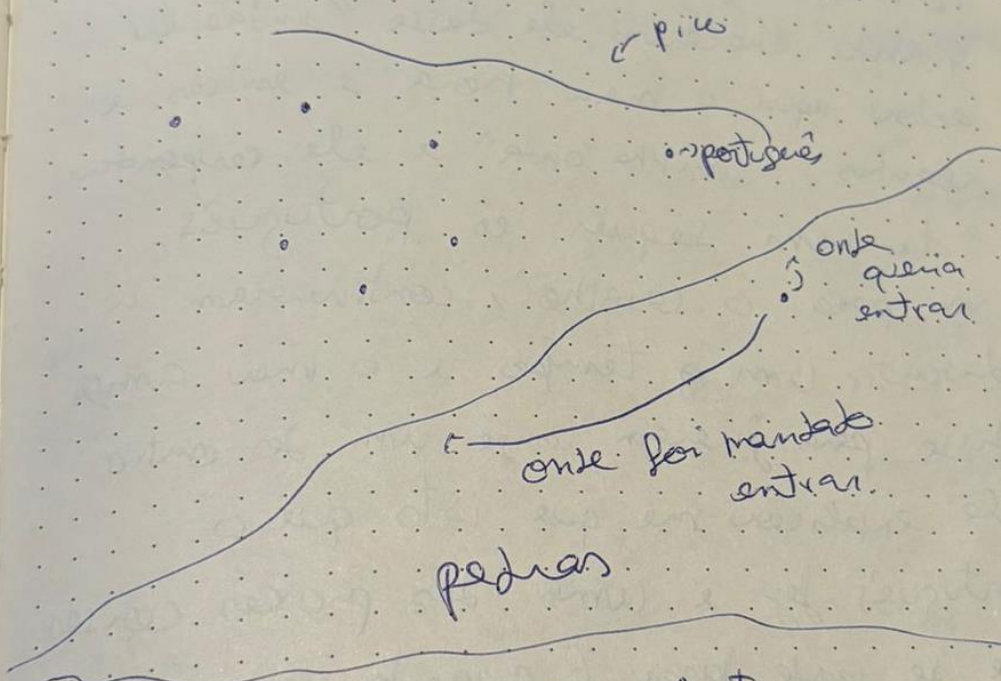
mas hoje em dia quando está no pico
e vê alguém que potencialmente
podia iniciar um conflito ou
ser violento, vai embora para outro
lugar. Disse que hoje ele sabe que
isto irá arruinar o resto da sua
vida.

Observação → Jora de água
consideração 23/08/24

Vim ver um amigo meu surfar
(italiano). Estam apenas 4 pessoas na
água então pensei que ia ser tranquilo.
Estava um surfista português a equipar-se
no carro e eu meti conversa com ele
e fiz-lhe algumas perguntas sobre o mar
aqui porque nunca tinha vindo aqui.
Ele foi muito simpático, disse-me
que vive aqui a vida toda e que
surfa estas ondas sozinho há 40 anos,

mas que hoje era impossível.
Rapidamente, pelo seu discurso, e penso
que já o tinha visto na água, percebi
que ele é um dos locais conhecidos por
ser agressivo. Ele deu-me o seu número
e disse que estava interessado em ser
entrevistado. Depois entrou na água.
Logo depois de entrar apANHOU a primeira
onda, ignorando que estava o meu amigo
já nesse onda, e ignorando que os
4/5 surfistas que estavam lá antes tinham
prioridade. Os dois se levantaram na
onda e antes de baterem caíram.
Depois gritaram um com o outro
mas não percebi o que disseram. Este
surfista local estava sempre mais
para dentro (penso que para supostamente
ter prioridade). Um surfista estava fora
de água e ia entrar, e ele fez-lhe
Sihel, a Ligeira que não podia entrar

por ali. O surfista abateu-lhe e
entrou mais longe. Pareceu-me que o
português estava a dizer isso porque era
perigoso entrar ali.



Entretanto estão 8 surfistas na água.
Esta um clima muito tenso na
água. Um surfista tentou abordar
o português e ele reagiu mal. Parecem
estar a discutir e vários outros

surfistas estão a fazer surf com as
mãos.

Pensei que dois fizessem gestos a
fazer que vão sair.

O meu amigo saiu. Disse-me que
quando chocaram ele disse "então eu
estou aqui à minha hora e entres e
apenas a minha onda" e ele respondeu
"tu nem sequer és português,
vai para o caralho", continuaram a
discutir um ~~o~~ tempo e o meu amigo
disse para ficarem longe um do outro.
Ele explicou-me que isto que o
português fez é uma das piores coisas
que se pode fazer. E quando um estrangeiro
faz isto normalmente resulta num
confronto físico. Que os locais querem
respeito, mas fazem precisamente o
que não querem que os estrangeiros
façam. Ele também me explicou

que
pesso
era
que
a
ten
pe
u
do
v
o

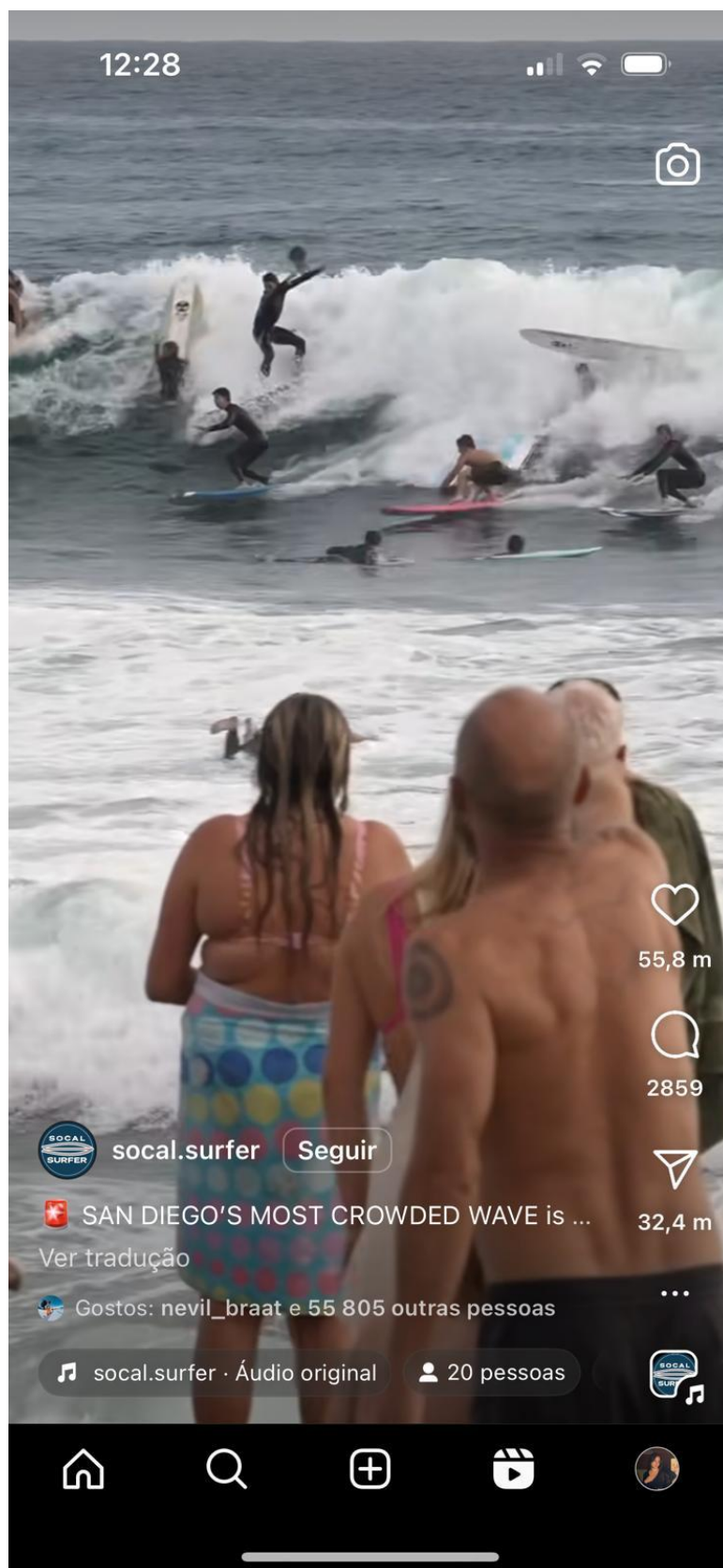
que o português estava a dizer às
pessoas para não entrarem por ali porque
era muito perigoso. Aqui prova-se o
que o Oliver me disse na sua entrevista,
a hierarquia pode ser positiva em
termos de segurança. Este foi um exemplo
perfeito disso.

Mesmo antes do meu amigo sair entraram
dois senhistas, uma rapariga e um
rapaz. A rapariga fez a mesma coisa
que o português, entrou, pos-se no
sitio para ganhar prioridade supostamente,
e apanhou onde a pente do que já
lá estavam. Um português, (ela era
estrangeira) gritou com ela e
disse-lhe que ela não podia fazer isto.
Estas situações provam que o no
de pessoas não é um fator determinante
para gerar conflito. É que há uma tende-
ncia dos locais terem estes comportamentos
em qualquer sico.

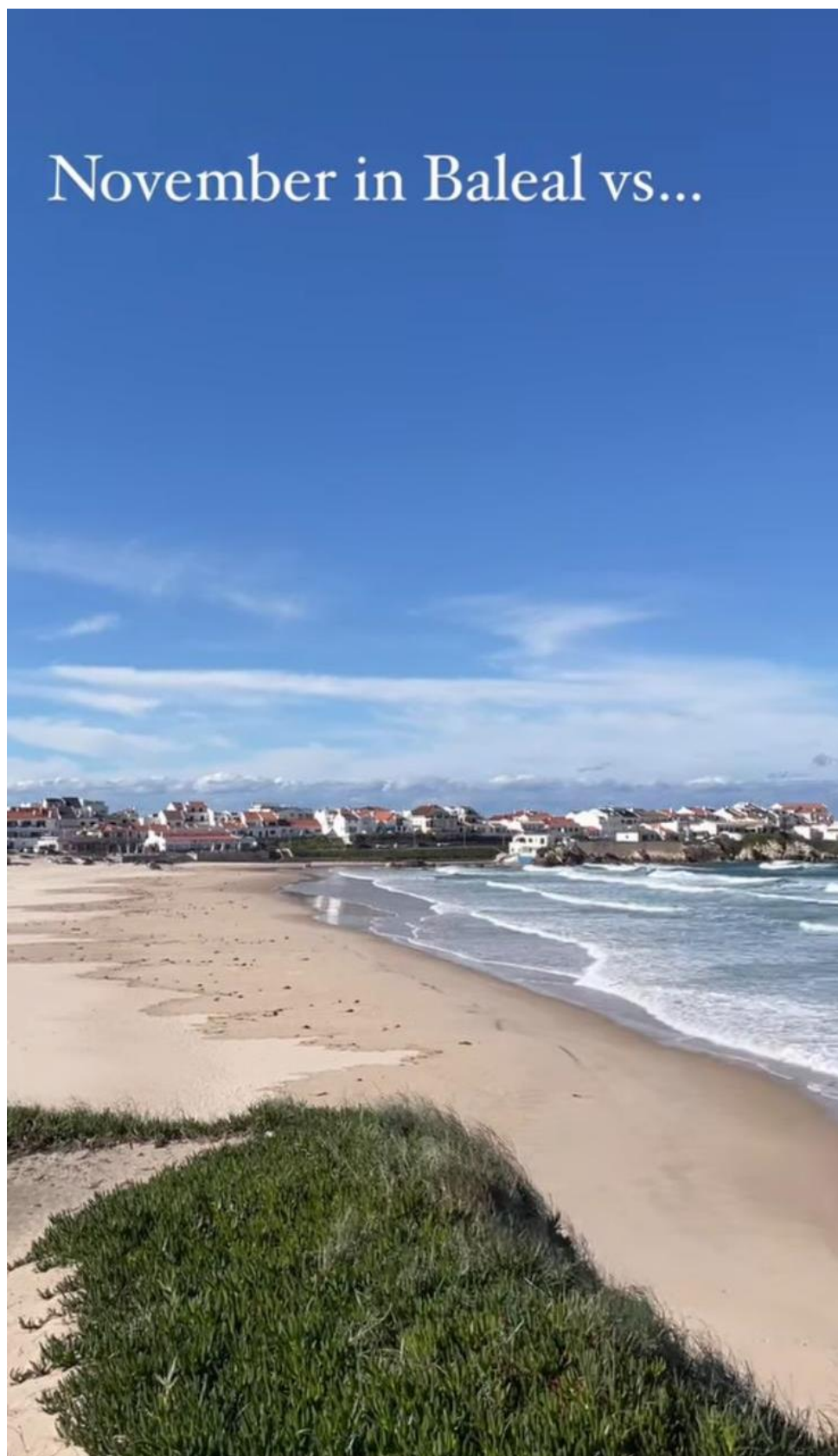
08/09/2024. Numa praia mais a sul de Peniche

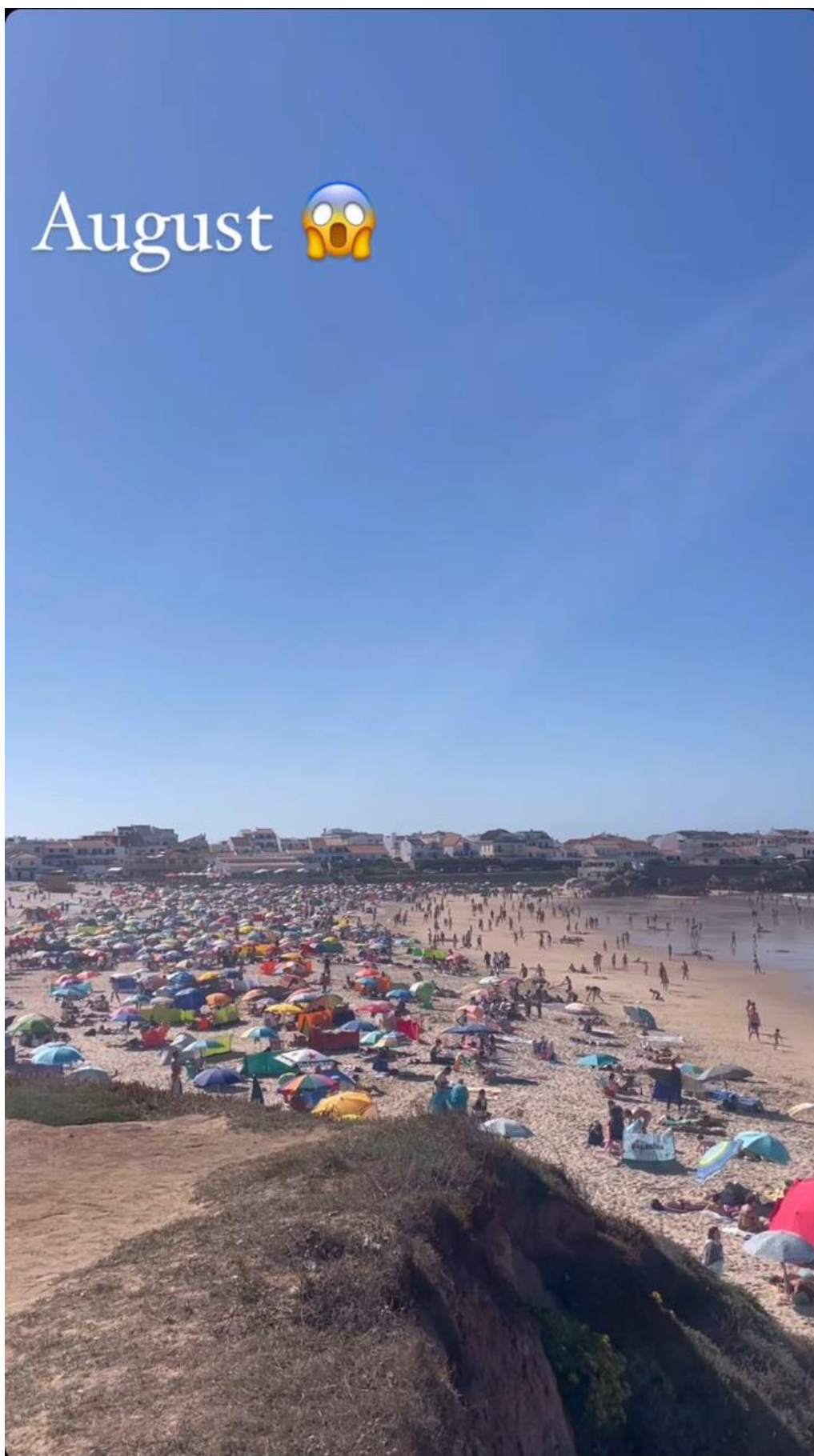


Imagem retirada do Instagram a 9/10/2024. Exemplo (apenas representativo, fora de Portugal) de uma onda muito *crowded* e de como pode ser perigosa.



Imagens retiradas do Instagram de um morador do Baleal em novembro sobre a diferença de multidões no inverno e no verão, ambas as fotos foram tiradas na parte da tarde:





Fotos retiradas do Instagram, tiradas a dia 7 de novembro por moradores do baleal, mostrando uma boa quantidade de surfistas num dia de boas ondas:

1- pico do Lagide (muito localismo)



2- Cantinho (muito *crowded* sempre) e meio da baía



18/11/2024

Hoje descobri que no whatsapp existe um grupo de locais, nesse grupo combinam ir surfar, falar dos spots que vão estar bons etc. E têm também uma espécie de "lista negra" onde incluem os estrangeiros que eles não gostam. Um homem que conheço está nesta lista por constantemente desafiar a hierarquia. Com base nas entrevistas, observações e conversas informais cheguei à conclusão que os locais muitas vezes roubam as ondas aos estrangeiros e acreditam que têm mais direitos que eles ~~no~~ na prioridade. É a maioria dos estrangeiros para a cabeça. Este homem desafia a hierarquia várias vezes, não deixem que lhe roubem

as oúdes, e responde quanto lhe
fazem ameaças e comentários
xenofobos. Apesar de viver no Beleal
há 10 anos continua a ser discriminado
e por já se ter envolvido em vários
conflitos está nessa lista negra.
Há pouco tempo teve mais um
conflito (discussão, e empurrou um
local que lhe tentou roubar a prioridade),
o que fez com que fosse fealdado nesse
grupo de wpp.

- Vou entrevistá-lo em Dezembro.
- Vou tentar também entrevistar o
rapaz com quem ele teve esse
conflito e descobrir mais informações
sobre esse grupo de wpp.

Já um dos surfistas locais que
entrevistei me tinha dito que muitos
ex-alunos dele (ele ~~era~~ é instrutor),
estrangeiros, quando começam a ganhar
um bocadinho de experiência, e vêm
que não estão locais ao redor,
~~podem~~ são também agressivos
com turistas ou estrangeiros menos
experientes.

02/07/2025 (conversas informais)

Estava no trabalho a conversar com uma senhora sobre surf, ela disse que adorava surfar e que surfava com muita regularidade, no entanto já não entrava na água há meses e no geral deixou de surfar, porque em vez de ser uma experiência divertida e relaxante, graças à confusão (quantidade de gente e conflitos) passou a ser uma experiência stressante que lhe causava muito desconforto. São vários os relatos do género que ouço.

24/07/ 2025 (conversas informais)

Novamente no trabalho estava a falar com um amigo que costumava surfar todos os dias. Perguntei-lhe se tinha ido surfar hoje, ele respondeu “estas doida? Em julho? Não me quero chatear”. Disse que raramente surfava em julho e agosto porque não tinha paciência para as escolas de surf, e para a quantidade de gente.

29/07/2025

Screen Shot da BeachCam, nos Super Tubos a 29 de julho, um pico que não costuma ter muita gente graças à dificuldade do tipo de onda, no entanto as ondas estavam mais fracas neste dia então tinha muita gente.

Uma amiga (italiana) surfou aí, quando saiu da água disse “os portugueses estão horríveis hoje, apanham as ondas todas e ainda nos olham mal.”

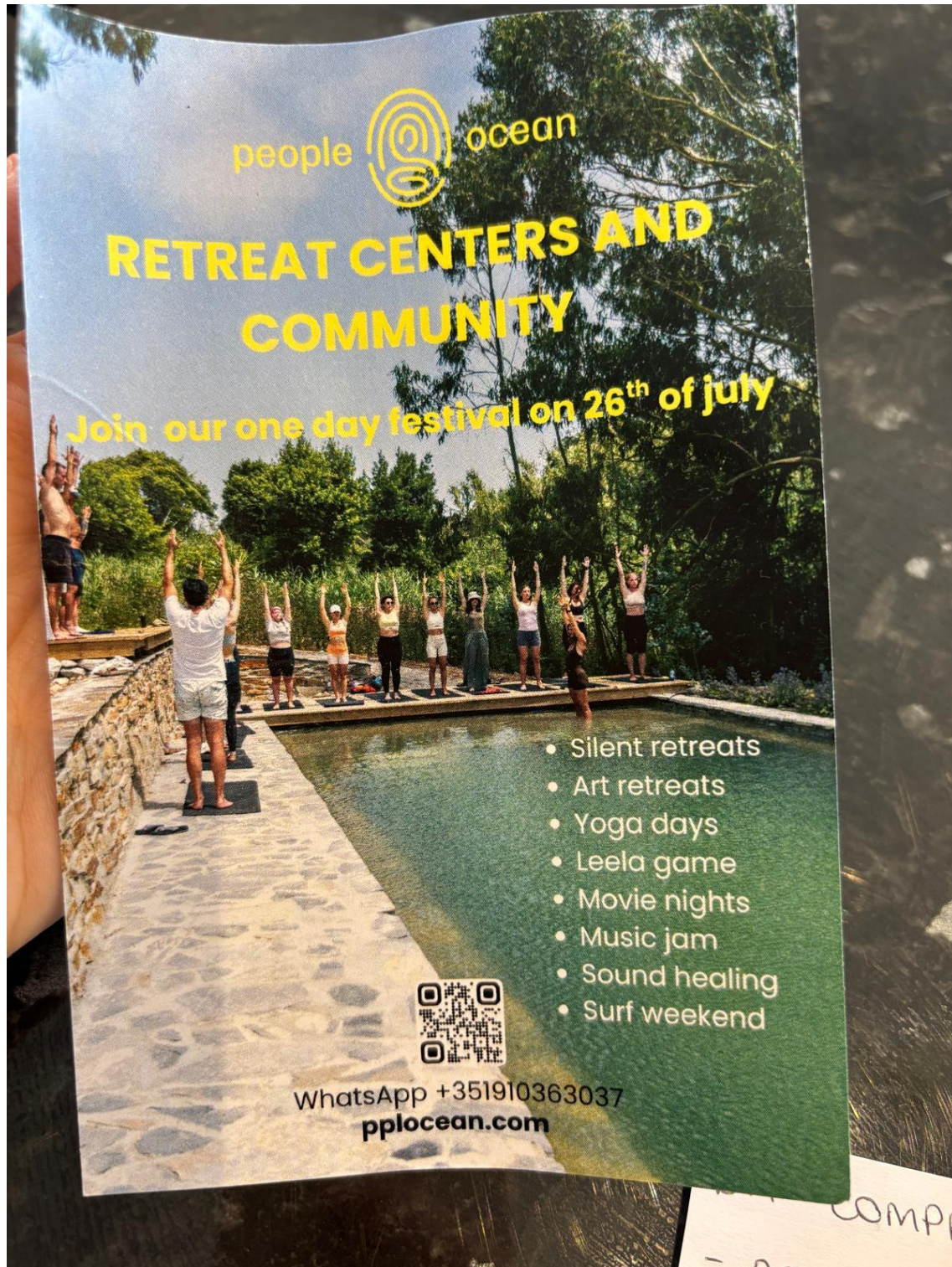


31/07/2025

Fotografias tiradas por mim, do tipo de eventos que são muito comuns nesta zona, retiros espirituais com preços elevadíssimos.

Eventos de conversas profundas ou de *story telling* também são comuns.

E um *flyer* de uma experiência com surf como terapia.

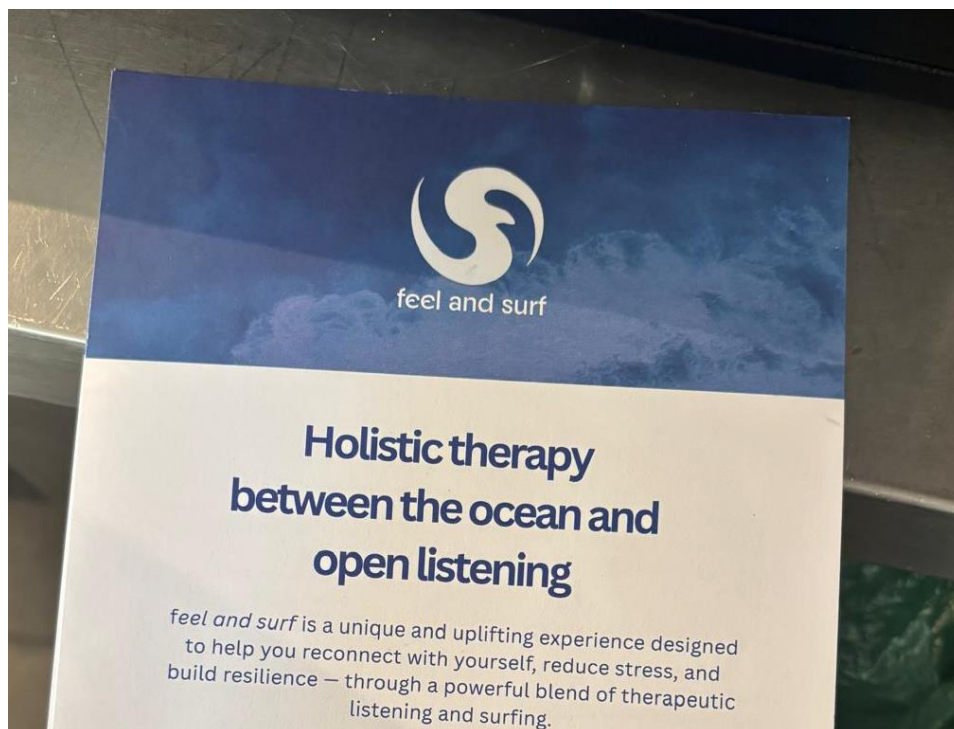
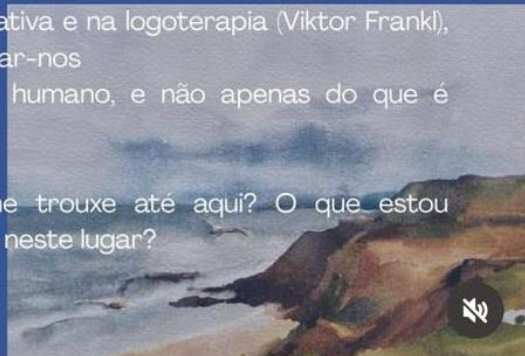


- Sentes que te falta uma conexão autêntica, mesmo estando rodeado/a de pessoas?
- Vives no Baleal, Ferrel ou arredores e gostavas de partilhar um espaço seguro para falar sobre a vida, as mudanças, o mar, a busca de sentido?

Convidamos-te para um círculo de conversa íntimo e consciente, onde pessoas portuguesas e estrangeiras possam escutar e ser escutadas, num ambiente acolhedor, sem julgamentos e com verdadeira presença.

Inspirado na escuta ativa e na logoterapia (Viktor Frankl), procuramos encontrar-nos a partir do que é humano, e não apenas do que é turístico.

Temática: O que me trouxe até aqui? O que estou realmente à procura neste lugar?



How does it work?

Counseling

A safe and grounded space where you are invited to speak, feel, and simply be — without judgment.

- Active listening
- Gentle reflection and reformulation
- Emotional and mental clarification

Together, we create clarity and spaciousness for your inner world — at your own pace, with empathy and depth.

Logotherapy

An invitation to find meaning in what you've experienced.

Based on Viktor Frankl's existential approach, we shift from asking why to discovering what for. Through reflective dialogue, we explore:

- Your personal values
- Inner resources and orientation
- Connection to your deeper sense of purpose

This process can open doors — to new perspectives, renewed direction, and a more meaningful relationship with yourself.

Surf-Supported Self-Exploration (Therapeutic Surfing)

When the mind opens, the body follows. The sea becomes a mirror, a stage — and a powerful ally. It doesn't matter if you've never surfed before: the water meets you just as you are.

- Movement as expression and release
- Experiencing presence, trust, and flow
- Empowerment through connection with the elements

The ocean offers a gateway — to inner strength, creativity, and a new way of being in your body and in the world.



05/09/2025

Conversas Informais:

Numa conversa sobre o respeito pelas regras de prioridade, um surfista que já surfou pelo mundo todo, contou que ficou admirado na Austrália, porque as regras de etiqueta eram cumpridas estritamente, por exemplo:

Cada surfista apanha a sua onda, nada até ao pico de novo, espera na “fila” até apanhar a próxima, e quando o surfista que está em primeiro lugar da fila, vê que não quer apanhar a próxima onda, e prefere esperar por outra, levanta os braços para demonstrar ao segundo surfista, que ele pode tomar o lugar dele.

Este é um exemplo de organização e respeito extraordinário, onde foram criados até códigos para uma melhor organização e comunicação, dando oportunidade a todos de surfar.